

ISBN 978-65-98349-45-9



9 788598 349459 >

HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS EM 15 CORDÊIS JARID ARRAES

Desde 2012, a autora Jarid Arraes tem se dedicado a desvendar a história das mulheres negras que fizeram a História do Brasil. E não bastava conhecer essas histórias, era preciso torná-las acessíveis e fazer com que suas vozes fossem ouvidas.

Para isso, Jarid usou a linguagem poética tipicamente brasileira da literatura de cordel. E vendeu milhares de seus cordéis pelo Brasil, alertando para a importância da multiplicidade de vozes e oferecendo exemplos de diversidade para as mulheres atuais.

Neste livro, reunimos 15 dessas histórias, que ganharam uma nova versão da autora e a beleza das ilustrações de Gabriela Pires.

Conheça a história de Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

# HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS EM 15 CORDÊIS

JARID ARRAES

Pólen

Pólen



Antes de chegar à idade adulta, nunca tinha ouvido falar de uma mulher negra que tivesse feito algo de importante na História. Durante toda a minha vida escolar e até mesmo nos conteúdos midiáticos de que me recordo, nunca me falaram de mulheres negras que fizeram grandes coisas pela humanidade ou que lutaram batalhas contra a escravidão no Brasil.

Adulta, descobri nomes avulsos enquanto pesquisava sozinha, tentando resgatar minhas origens afrobrasileiras. Esse esquecimento dessas mulheres negras me fez decidir criar uma coleção de cordéis intitulada **Heroínas Negras na História do Brasil**. Durante quatro anos, cavei, pesquisei e escrevi biografias em poesia de cordel e vi essa coleção se tornar um sucesso estrondoso. Usados em escolas por todo o Brasil, presentes até mesmo na Biblioteca do Congresso de Washington, nos EUA, meus cordéis das Heroínas Negras têm cumprido um papel importantíssimo na vida de crianças, adolescentes e adultos: o papel de contar histórias que tentaram apagar, mas que sobrevivem, nos representam e inspiram até hoje. Reunidas agora em livro, 15 dessas Heroínas chegarão a mais lugares e, espero, transformarão, pouco a pouco, nossa realidade para um futuro melhor. Porque essas histórias merecem ser contadas.

Jarid Arraes





com  
amor



Jarid  
Arraes

24/05/17

**HEROÏNAS NEGRAS  
BRASILEIRAS**  
**EM 15 CORDÕES**

**JARID ARRAES**

*Polen*



Copyright © 2017 by Jarid Arraes  
Todos os direitos reservados para Pólen Produção  
Editorial Ltda.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico, diagramação e ilustrações  
Gabriela Pires

Preparação de texto  
Lizandra Magon de Almeida

Revisão  
Virgínia Vicari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Arraes, Jarid  
Heroínas negras brasileiras : em 15 cordéis / Jarid  
Arraes. -- São Paulo : Pólen, 2017.  
176 p.

ISBN 978-85-983-4945-9

1. Literatura de cordel brasileira 2. Mulheres - Negras -  
Brasil I. Título  
17-0674

CDD 398.5

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura de cordel brasileira

Pólen

www.polenlivros.com.br  
(11) 3675-6077

Às heroínas do presente,  
por acreditarem num  
futuro possível.



**Prefácio,** 08  
por Jaqueline Gomes de Jesus

Antonieta de Barros	17
Aqualtune	27
Carolina Maria de Jesus	37
Dandara dos Palmares	47
Esperança Garcia	57
Eva Maria do Bonsucesso	67
Laudelina de Campos	77
Luísa Mahin	87
Maria Felipa	97
Maria Firmina dos Reis	107
Mariana Crioula	117
Na Agontimé	127
Tereza de Benguela	137
Tia Ciata	147
Zacimba Gaba	157

**Sua história** 167



# RESGATAR NOSSA MEMÓRIA

Jaqueline Gomes de Jesus<sup>1</sup>

8 — Para nós, seres humanos, as lembranças trazem reflexões. E, às vezes, estas alimentam aquelas. Inconscientemente, construímos nossas histórias de vida com os retalhos de quem fomos, ou de quem acreditamos ter sido. O que importa é o trabalho de costura. Existe muito de racional escondido sob o leito desse rio de afetos.

---

<sup>1</sup>Professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora-Líder do ODARA – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade (IFRJ – Campus Belford Roxo). Foi Assessora de Diversidade e Apoio aos Cotistas e Coordenadora do Centro de Convivência Negra da UnB. Pesquisa e publica sobre identidade e movimentos sociais, com foco em ações afirmativas para a população negra. Agraciada com a Medalha Chiquinha Gonzaga (2017), concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro a mulheres com reconhecidas contribuições à sociedade.

Não somos mais crianças, mas elas continuam em nós. O adulto vislumbra o jovem que foi, enquanto é observado pelo idoso. A partir disso tudo podemos nos parir, contar o que julgamos ser a versão mais fidedigna de quem somos: a estória que, para além de apenas justificar ações, alimenta consciência, sonhos, temores, preconceitos, fronteiras e amplidão.

Entretanto, a memória de quem somos é mais complexa do que a mera soma dos seixos que catamos no leito daquele rio. Ela também é formada pelas lembranças dos acontecimentos que acompanharam nosso grupo social, o fundamento comum de nossa diversidade interna.

No Brasil, mulheres, principalmente as negras, nem sempre puderam falar, escrever e quanto mais publicar sobre si mesmas. Tampouco tiveram suas vozes plenamente respeitadas por aqueles que delas falaram, escreveram e publicaram, em geral homens brancos.

De forma geral, neste país estruturalmente racista e machista, o protagonismo negro para se expressar, sem intermediários, foi invisibilizado, senão questionado e punido. Até mesmo o nosso maior escritor, Machado de Assis, teve sua identidade como homem negro silenciada ou negada – censuras da máquina colonial que se alimentou da escravidão e ainda ruma nas mentes e corações deste povo.

Este não é um problema só dos negros, é de todos os brasileiros, que, ao menosprezarem a participação de uma parcela da população na construção desta sociedade, de quem somos como brasileiros, também fraturam a sua pró-



pria tradição, preservam a própria alienação. Aos brancos que ignoram o racismo, resta gozar os privilégios decorrentes de sua cor de pele e traços anatômicos, em detrimento da vida, direitos e potencialidades das pessoas negras.

Destarte, como lembrar de quem somos, se a nossa memória coletiva foi distorcida, vilipendiada?... e dado que continua sendo? Ela é um elemento-chave para a nossa consciência negra, que por vezes se resume a um herói ou outro: senão Zumbi dos Palmares, outras vezes João Cândido. Os heróis são a projeção do melhor de nós, como seres humanos, do que todos deveríamos buscar, como gente. Mas os nossos heróis e heroínas, quando negros, têm sido odiosamente relegados ao esquecimento.

Daí chego a Jarid Arraes.

Eu me lembro da primeira vez em que visitei Juazeiro do Norte, a fim de palestrar e ministrar curso durante um congresso de Psicologia. Da janela do avião vi a estátua do Padre Cícero.

Algo extremamente significativo para aquela região, e relevante para a constituição multifacetada de nossa brasilidade.

Lá, folheando uma revista de cultura local, vejo a foto de Jarid, ladeada do pai e do avô. Todos cordelistas e xilogravadores. Sem olhar para a legenda, eu a reconheci. Era a mesma pessoa que eu conheci a partir da internet: feminista, articulista, jornalista, e cuja escrita a levou, em determinado momento, ao Sul (São Paulo), caminho seguido por tantos de seu Nordeste, como ela comentou à época.

O trabalho dessa mulher sempre me fascinou. Das postagens aos cordéis, nada que sai da mente e do coração de Jarid é raso, e sim profundo de razão e sentimento. Eis a marca de sua identidade própria, de sua originalidade, mas também de uma rica tradição, de uma memória coletiva da família, do Cariri, que se traduziu na escritura dessa mulher negra.

E esta mulher negra se engajou para versejar outras, relegadas ao silêncio, à invisibilidade. Corajosamente, Jarid decidiu enfrentar o racismo e o machismo com prosa e verso. E é de sua poesia que ora falamos nesta publicação.

Dentre a multidão de heroínas negras que lutaram nestas terras tupiniquins, anônimas ou um pouco mais conhecidas, a autora aqui compilou quinze delas, cujos nomes faço questão de repetir, com destaque:

Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Quão fascinante. Quão belo. Quão empoderador é ler e ouvir os nomes dessas heroínas negras brasileiras! Com este belíssimo livro, Jarid Arraes contribui, de maneira extraordinária, para que resgatemos nossa memória: como mulheres negras, como pessoas negras, como brasileiras e brasileiros!

Mesmo que as lutas dessas guerreiras, em seus diferentes campos de atuação, tenham sido



duramente reprimidas e derrotadas, inclusive ao custo de suas vidas; que tenham tido poucos resultados práticos imediatos; elas nos ofereceram um ganho absolutamente crucial, que Jarid permite que muitas pessoas alcancem, por meio de seus versos, uma consciência mínima da imensa força e vasta inteligência da mulher negra, na sua diversidade de ser mulher e negra.

Tal consciência poderia ser constatada meramente por meio de uma concepção ética, não racista, de nossa vida em sociedade; entretanto não temos verificado que essa flor brote, costumeiramente, do asfalto quente sobre qual mulheres negras são arrastadas neste país.

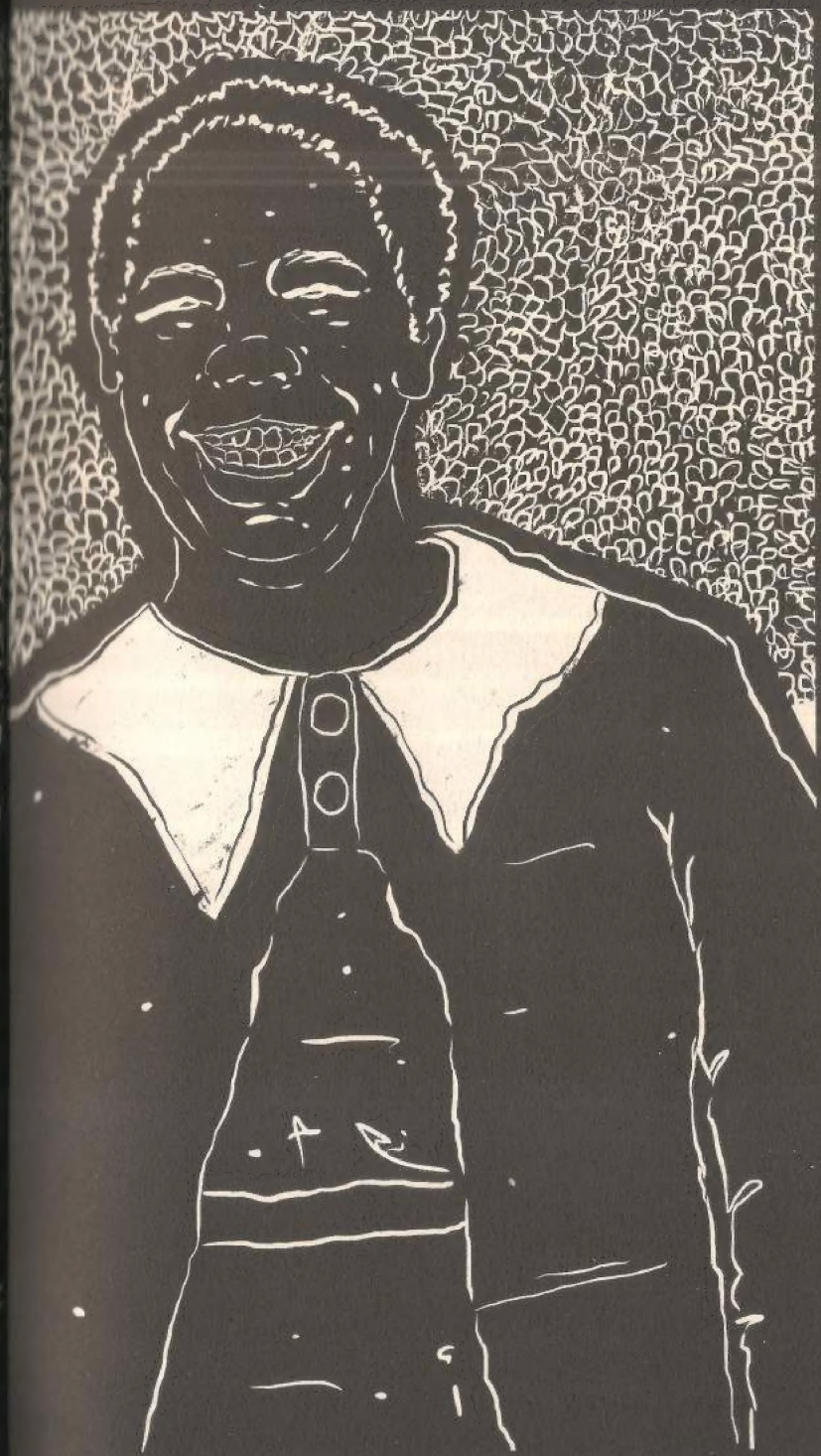
12 —

Ante ao exposto, eu prezo e me comprazo com a obra de Jarid. Eu me torno uma mulher negra mais orgulhosa de minha herança cultural, e da história do meu povo, ao lê-la; e sei que, ao lerem estes poemas, outras pessoas negras, por vezes, mas também as brancas, encontrarão um deliciosa fonte, que as nutrirá de vida e esperança, e quiçá as mobilizará para que, seja lá o que nos define como brasileiros, não mais seja permeado de racismo e machismo. Temos uma longa caminhada pela frente.

Axé!

Rio de Janeiro, 5 de maio de 2017.









JARID ARRAES

# ANTONIETA \*DE BARROS\*

Conto aqui neste cordel  
Uma história inspiradora  
De uma preta muito forte  
Que foi tão batalhadora  
E com sua inteligência  
Se mostrou norteadora.

Era uma catarinense  
De Antonieta nomeada  
Sendo de origem pobre  
Teve a vida permeada  
Por muita dificuldade  
E por luta semeada.

Ela ainda era criança  
Quando órfã se tornou  
O seu pai que faleceu  
E na vida lhe deixou  
Com a mãe que a criava  
E que muito lhe inspirou.



Tinha dezessete anos  
Quando conseguiu entrar  
Na escola normalista  
Para mais se dedicar  
Aos estudos que gostava  
Querendo aperfeiçoar.

No entanto, é preciso  
Uma coisa mencionar  
Inda era os anos vinte  
Quando ela foi estudar  
Veja só que grande feito  
Ela estava a desbravar!

Pois não era só mulher  
O que era já difícil  
Era negra num passado  
De racismo, de suplício  
Bem pior que atualmente  
E sem sucesso propício.

No ano de vinte e dois  
Antonieta então fundou  
Um Curso Particular  
Onde ela ensinou  
Por toda a sua vida  
Como muito acreditou.

Para que a população  
Pudesse alfabetizar  
Foi que Antonieta fez  
Esse curso prosperar  
Cheia de dedicação  
Colocou-se a lecionar.

Tinha muito envolvimento  
Com o assunto cultural  
E ainda em vinte e dois  
Ela fundou um jornal  
Que chamou de A Semana  
Escrevendo para o tal.

De política falava  
Com bastante habilidade  
Também sobre educação  
E sobre a desigualdade  
Na denúncia do machismo  
E ao racismo no combate.

Ela também dirigiu  
Uma revista semanal  
Intitulada Vila Ilhoa  
Como mais novo canal  
Trabalhou diariamente  
E rompeu com o banal.

Já alguns anos depois  
Quis um livro publicar  
E usou um outro nome  
Para enfim concretizar  
Como Maria da Ilha  
Escreveu seu exemplar.

Foi também profissional  
De grande orientação  
Professora e diretora  
Com convicta intenção  
Foram várias as escolas  
Onde pôs a sua mão.



Por seu grande caráter  
Era muito admirada  
Pelos seus jovens alunos  
Ela era celebrada  
Porque era obstinada  
Coerente e respeitada.

Já na década de trinta  
Se juntou ao movimento  
Por Progresso Feminino  
Exigido no momento  
Era o FBPF  
Com que teve envolvimento.

Conto ainda mais um fato  
Que ela protagonizou  
E marcou a nossa história  
Como líder de valor  
Pois abriu mais uma porta  
Pro futuro que chegou.

Deputada federal  
Antonieta se tornou  
A primeira do estado  
Como assim se registrou  
E foi a primeira negra  
Que o país efetivou.

Com essa grande conquista  
Chegou a se transformar  
Na primeira mulher negra  
Com um mandato popular  
Pelo Partido Liberal  
Pela educação lutar.

Então veio a ditadura  
De Estado Novo conhecida  
E depois de sua queda  
Ela fez-se embravecida  
Conquistando muito mais  
Grandemente merecida.

Antonieta foi incrível  
Na política um destaque  
Foi a pura pioneira  
Sempre pronta pro combate  
A primeira mulher negra  
Para vários dos debates.

Por inteira a sua vida  
Viveu como educadora  
Jornalista ou deputada  
Se manteve ensinadora  
Com lições educativas  
E também libertadoras.

As palavras que usou  
Espalhou pela nação  
E com tudo semeou  
A melhor revolução  
Pelo espaço feminino  
Pela sua Negra Ação.

É por isso que eu digo:  
Antonieta é exemplar  
E além de inspiradora  
Pode muito desbravar  
Foi abrindo os caminhos  
Pra gente também passar.



Pras mulheres brasileiras  
Ela é grande liderança  
Deve ser muito lembrada  
De adulto até criança  
Pela sua honestidade  
Por sua perseverança.

Nas escolas não ouvimos  
Essa história impressionante  
Mas eu uso o meu cordel  
Que também é importante  
Para que você conheça  
E não fique ignorante.

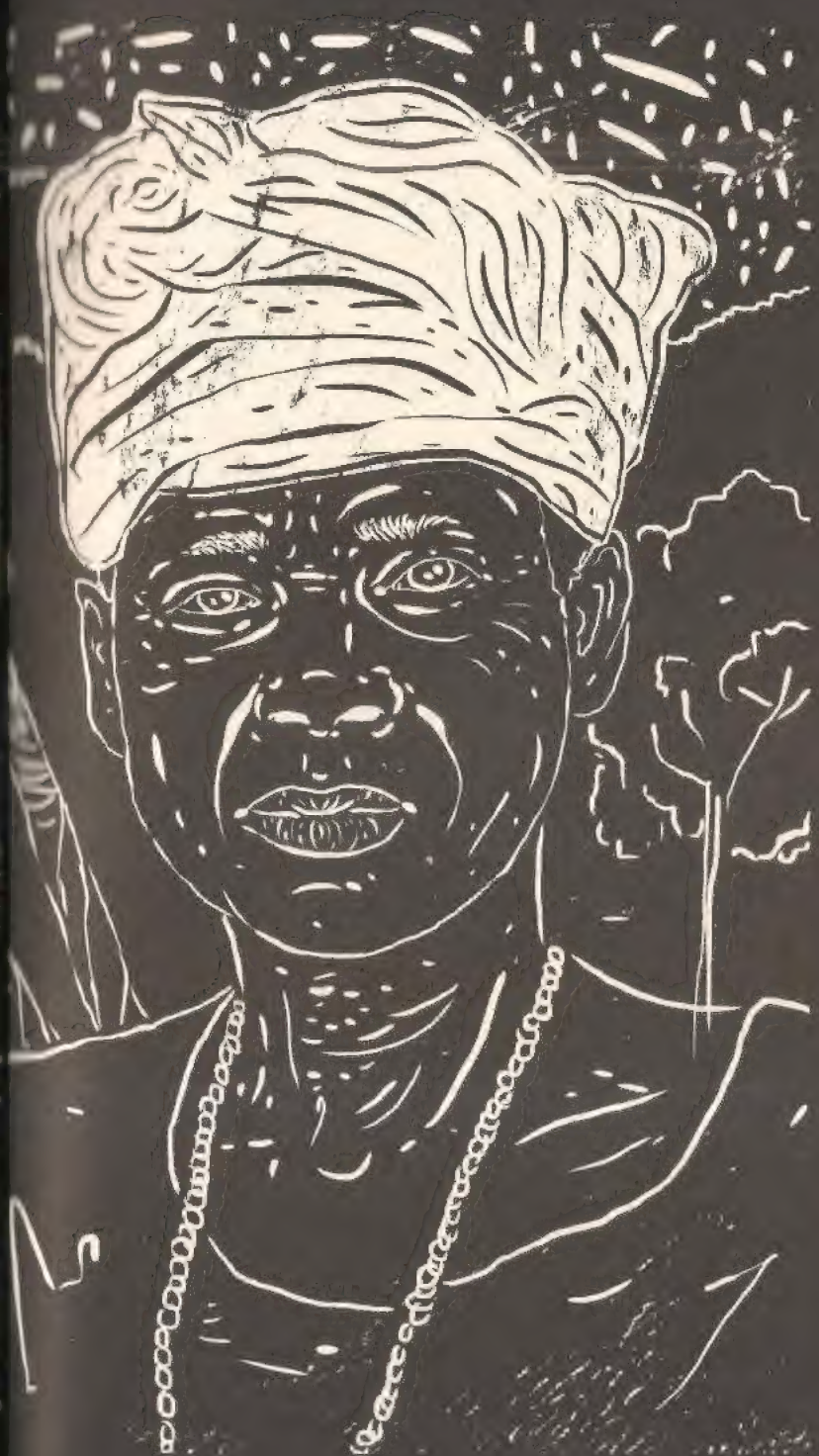
Que você também espalhe  
Isso que acabou de ler  
Para que muitas pessoas  
Tenham a chance de saber  
Quem foi essa Antonieta  
Como foi o seu viver.

Esse é o nosso papel  
Considero obrigação  
Pra acabar o preconceito  
Pra espalhar informação  
Destruindo esse racismo  
E gerando inspiração.

Eu e todas as mulheres  
Neste verso agradecemos  
E esperamos que em frente  
Sempre juntas caminhemos  
E lembrando Antonieta  
Certo que nós venceremos.

**Antonieta de Barros** foi uma política e jornalista catarinense que lutou contra o racismo e o machismo. Nascida em Florianópolis em 1901, foi eleita para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, tornando-se a primeira mulher a assumir o cargo de deputada no estado e a primeira deputada estadual negra em todo o Brasil. Antonieta atuava como professora, escritora e jornalista. Fundou o jornal "A Semana" entre 1922 e 1927, e ali falava de seus ideais contra a discriminação de gênero e racial. Em 1937, escreveu o livro **Farrapos de Ideias**, com o pseudônimo Maria da Ilha. Anualmente, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina concede a Medalha Antonieta de Barros a mulheres que combatem a desigualdade de gênero.







# AQUALTUNE

— 27

Como filha de um rei  
Aqualtune era princesa  
Era no reino do Congo  
Da mais alta realeza  
E na tradição que tinha  
Encontrava fortaleza.

Lá no Congo era feliz  
De raiz no ancestral  
Mas haviam outros reinos  
Dos quais Congo era rival  
E por isso houve guerra  
Com desfecho vendaval.

Na disputa dessa guerra  
Seu pai foi derrotado  
E vendidos como escravos  
Foi seu reino humilhado  
Mais de dez mil lutadores  
Igualmente enjaulados.



Aqualtune foi vendida  
Em escrava transformada  
Foi levada para um porto  
Onde foi então trocada  
Por moeda, por dinheiro  
Pruma vida aprisionada.

Acabou num navio negreiro  
Que ao Brasil foi viajar  
Nos porões do sofrimento  
Muito teve que enfrentar:  
As doenças e tristezas  
E a maldade a transbordar.

Aqualtune com seu povo  
Nos porões muito sofreu  
Tinham febres e doenças  
Pela dor que só cresceu  
Era fome e era castigo  
Muita gente padeceu.

Foi no Porto de Recife  
Que o navio então parou  
Quando muito finalmente  
No Brasil desembarcou  
Aqualtune novamente  
Teve alguém que a comprou.

Foi vendida como escrava  
Chamada reprodutora  
Imagine o pesadelo  
Que função mais redutora  
Pois seria estuprada  
De escravos genitora.

Sua principal função  
Seria a de procriar  
Estuprada na rotina  
Muita dor pra suportar  
Imagine uma princesa  
Isso tudo enfrentar!

Foi levada a Porto Calvo  
Pernambuco, a região  
E vivendo como escrava  
Enfrentou a solidão  
Os castigos e torturas  
Do seu corpo a agressão.

Imagine quantos filhos  
Aqualtune teve então  
Tudo fruto de estupro  
Fruto de violação  
E ainda eram tomados  
No meio dum sopetão.

Mas na vida de tortura  
Aqualtune ouviu falar  
Sobre a pura resistência  
Dos escravos a lutar  
E soube de Palmares  
O que pode admirar.

Aqualtune se empolgou  
Do seu povo quis a luta  
E pensou em se juntar  
Pra somar nessa labuta  
Mesmo estando em gravidez  
Ela estava resoluta.



A gravidez já avançada  
 Não causou impedimento  
 Aqualtune foi com tudo  
 Formando esse movimento  
 Agarrando a esperança  
 E com muito entendimento.

Junto com outras pessoas  
 Negras de muita coragem  
 Aqualtune fez a fuga  
 Mesmo com toda voragem  
 Foi parar em um quilombo  
 E falou de sua linhagem.

Todos lá reconheceram  
 Que era ela uma princesa  
 E por isso concederam  
 Território e realeza  
 Para a brava Aqualtune  
 Coroada de firmeza.

Nos quilombos do Brasil  
 Era forte a tradição  
 De manter vivas raízes  
 Africanas na nação  
 Aqualtune isso queria  
 Disso fazia questão.

Mas a sua importância  
 Muito mais se mostraria  
 Não se sabe com certeza  
 Mas pelo que se anuncia  
 Aqualtune teve um filho  
 E Ganga Zumba ele seria.

Segundo essa tradição  
 Foi avó doutro guerreiro  
 De imensa relevância  
 Para o negro brasileiro  
 Era Zumbi dos Palmares  
 Liderança por inteiro.

Aqualtune, infelizmente  
 Faleceu numa armação  
 Planejada por paulistas  
 Com fim de destruição  
 Do quilombo de Palmares  
 E de sua tradição.

Sua aldeia foi queimada  
 Pelos brancos assassinos  
 Não se sabe bem a data  
 Do seu fim e desatino  
 Mas a sua história viva  
 Para isso a descortino.

Quando ela faleceu  
 Bem idosa já estava  
 Aqualtune sim viveu  
 Como líder destacava  
 Essa força feminina  
 Que a princesa exaltava.

Eu só acho um absurdo  
 Porque nunca ouvi falar  
 Na escola ou na tevê  
 Nunca vi ninguém contar  
 Sobre a garra de Aqualtune  
 E o que pode conquistar.



Uma história como a dela  
 Deveria ser contada  
 Em todo livro escolar  
 Deveria ser lembrada  
 No teatro e no cinema  
 Que ela fosse retratada.

Mas eu tive que sozinha  
 As informações buscar  
 Foi porque ouvi seu nome  
 Uma amiga mencionar  
 E por curiosidade  
 Fui online pesquisar.

A história do meu povo  
 Nordeste negro forte  
 É tão rica e importante  
 É vitória sobre a morte  
 Pois ainda do passado  
 Modificam nossa sorte.

Quando penso em Aqualtune  
 Sinto esse encorajamento  
 A vontade de enfrentar  
 De mudar neste momento  
 Tudo aquilo que é racismo  
 E plantar conhecimento.

**Aqualtune** era uma princesa africana, filha do rei do Congo. Foi uma grande guerreira e estrategista e liderou um exército de 10 mil homens para combater a invasão de seu reino no Congo, em 1695. Quando perdeu a guerra, foi escravizada e trazida ao Brasil, onde foi vendida como escrava reprodutora. Grávida, Aqualtune organizou uma fuga para Palmares, onde deu luz a Ganga Zumba e Gana, que mais tarde seriam chefes dos mais importantes mocambos de Palmares, e também a Sabina, mãe do grande líder de Palmares, Zumbi.







JARID ARRAES

# CAROLINA M<sup>A</sup> DE JESUS

Essa é uma escritora  
Que já foi ignorada  
E durante a sua vida  
Foi também muito explorada  
Mas por muitos, hoje em dia  
É com honras adorada.

— 37

Sua história verdadeira  
Começou em Sacramento  
Na rural comunidade  
Foi de Minas um rebento  
Era o ano de quatorze  
Inda mil e novecentos.

Pouco tempo se passava  
Desde o fim da escravidão  
E, portanto, o que existia  
Era a dor da servidão  
O racismo dominava  
Espalhando humilhação.



Sua mãe era solteira  
Pela igreja excomungada  
Pois o homem era casado  
E findou abandonada  
Com a filha pra criar  
E por muitos execrada.

No ano de trinta e sete  
Carolina então mudou  
Para a capital, São Paulo  
Onde muito batalhou  
Construiu o seu barraco  
E ali se instalou.

Na favela Canindé  
Sua vida foi sofrida  
A maior luta diária  
Era a busca por comida  
Uma vida esfomeada  
Sempre muito deprimida.

Carolina ainda tinha  
Três filhos para cuidar  
Todos de pai diferente  
Pois jamais quis se casar  
Só pensava em liberdade  
Pra fazer seu desejar.

O que mais ela gostava  
Era ler, era escrever  
Sendo maior passatempo  
E registro do viver  
Nas palavras mergulhava  
Para assim sobreviver.

Como era catadora  
Pelos lixos encontrava  
O papel e o caderno  
Que por fim utilizava  
Como o famoso Diário  
Onde tudo registrava.

Tudo que assucedía  
Na favela onde vivia  
Carolina prontamente  
Em relatos escrevia  
Irritando seus vizinhos  
E causando agonia.

Nem por isso ela parava  
Precisava escrever  
E sonhava com sucesso  
Com dinheiro pra comer  
Pois a vida da favela  
Ela não queria ter.

Num tal dia por acaso  
Um jornalista apareceu  
Na favela onde morava  
Carolina e filhos seus  
Ele ouviu a confusão  
E a escritora conheceu.

No momento, Carolina  
Com a escrita ameaçava:  
"Vou botar no meu diário"  
Carolina assim gritava  
O jornalista interessado  
Foi saber o que rolava.



Então soube dos cadernos  
Que Carolina escrevia  
Ficou muito impressionado  
Com o valor que ali continha  
E depois de muita espera  
O seu livro aparecia.

Foi o "Quarto de Despejo"  
O primeiro publicado  
Um sucesso monstruoso  
Tão vendido e aclamado  
Carolina fez dinheiro  
Com o livro elogiado.

Sua obra era importante  
Pela vil realidade  
Que ali estava exposta  
Tal ferida da cidade  
A favela e a pobreza  
De Carolina a verdade.

Por causa do sucesso  
Do dinheiro que ganhou  
Carolina finalmente  
Da favela se mudou  
Numa casa de tijolos  
Com seus filhos habitou.

O problema, no entanto,  
Era a grande exploração  
Carolina se sentia  
Como fosse na prisão  
Pois bem mais ela queria  
Enfrentando impedição.

Desejava até cantar  
Mais um livro ela escreveu:  
"Casa de Alvenaria"  
Cheio de relatos seus  
Sobre a vida que mudava  
E o que mais lhe aconteceu.

Mas aí já não gostaram  
Por imensa hipocrisia  
Pois Carolina contava  
Os males da burguesia  
E o amargo esquecimento  
Logo mais se chegaria.

Carolina até tentou  
Publicou material  
No ano de sessenta e três  
Mais dois livros afinal  
Mas estava ignorada  
Novamente marginal.

E de novo catadora  
Acabou no sofrimento  
Só depois de sua morte  
Teve o reconhecimento  
Com "Diário de Bitita"  
Grandioso documento.

Recomendo que pesquise  
Muito mais dessa escritora  
Que era mãe, era poeta  
Era forte inspiradora  
E ainda era uma artista  
Com talento de cantora.



Por racismo e elitismo  
 Pouco dela hoje se fala  
 Mas tamanho preconceito  
 Seu legado jamais cala  
 É por isso que eu lembro  
 E meu grito não entala.

Carolina é um tesouro  
 Para o povo brasileiro  
 É orgulho pras mulheres  
 Para o povo negro inteiro  
 Referência como exemplo  
 De valor testamentário.

Muito mais há publicado  
 Sobre a vida da escritora  
 Os seus livros de poemas  
 De provérbios pensadora  
 Abra o seu conhecimento  
 Que ela é merecedora.

E por fim com muito orgulho  
 O cordel já vou fechando  
 Com sinceridade espero  
 Que termine interessando  
 Se você não conhecia  
 O que estive aqui contando.


Carolina eternamente  
 Uma imensa inspiração  
 Uma força grandiosa  
 E também validação  
 A mulher negra escritora  
 Que despeja o coração.

Nascida em Sacramento (MG) em 1914, **Carolina Maria de Jesus** foi uma importante escritora brasileira. Filha de analfabetos, começou a estudar aos 7 anos e precisou largar a escola no segundo ano, mas aprendeu a ler e escrever. Em 1937, sua mãe faleceu, e Carolina decidiu se mudar para São Paulo (SP), onde construiu sua própria casa utilizando madeira, papelão e outros materiais. Para sustentar a família, ela saía à noite para coletar papel, guardando revistas e cadernos antigos que encontrava. Em suas folhas, Carolina escrevia sobre sua vida na favela e seu dia a dia, somando mais de 20 cadernos com testemunhos de seu cotidiano. Um desses cadernos deu origem ao seu livro mais famoso, **Quarto de Despejo**, publicado em 1960, traduzido para 13 idiomas e vendido em mais de 40 países. Carolina aspirava se tornar cantora e atriz, mas faleceu em 1977, vítima de insuficiência respiratória.









JARID ARRAES

# DANDARA DOS PALMARES

— 47

Se você já ouviu falar  
Da história de Zumbi  
Peço então sua atenção  
Pro que vou contar aqui  
Talvez você não conheça  
Por incrível que pareça  
Por isso eu vou insistir.

O quilombo dos Palmares  
Por Zumbi foi liderado  
E nesse mesmo período  
Dizem que ele foi casado  
Com uma forte guerreira  
Que tomou a dianteira  
Pelo povo escravizado.



Foi Dandara o seu nome  
 Que é quase como lenda  
 Não há provas de sua vida  
 E talvez te surpreenda  
 Com um ar de fantasia  
 De coragem e de magia  
 Mas assim se compreenda.

Não há dados registrados  
 Sobre onde ela nasceu  
 Se foi ela brasileira  
 Ou na África cresceu  
 Se ela tinha liberdade  
 Ou se na dificuldade  
 Ela livre se verteu.

Com Zumbi teve três filhos  
 E seus nomes vou citar:  
 Motumbo, Aristogíton  
 E Harmódio a completar  
 Eram esses os rebentos  
 De um casal muito sedento  
 Que se uniu para lutar.

Mas Dandara não queria  
 Um papel limitador  
 Ser a mãe que cozinhava  
 Tendo um perfil cuidador  
 As batalhas lhe chamavam  
 E seus olhos despertavam  
 Pelo desafiador.

Guerrear pelo seu povo  
 Era o que lhe motivava  
 O sonho da liberdade  
 Para todos cultivava  
 Sendo muito decidida  
 Era até envaidecida  
 Pela força que ostentava.

Um fator que se destaca  
 Era o seu radicalismo  
 Pois não aceitava acordo  
 Com senhores do racismo  
 Que ofereciam terras  
 Para que acabasse a guerra  
 No interesse do cinismo.

Porque tinha bem certa  
 Uma baita opinião:  
 Liberdade para poucos  
 Não conforta o coração  
 O quilombo que existia  
 Para todos lutaria  
 Sem abrir uma exceção.

E por isso que Dandara  
 Tinha fé no guerrear  
 Confiava nas batalhas  
 Para tudo transformar  
 A paz só existiria  
 Pelo que conquistaria  
 Para a todos libertar.



Liderava os palmarinos  
Lado a lado com Zumbi  
Entre espadas e outras armas  
Escutava-se o zunir  
Dos seus golpes tão certos  
Que aplicava bem ligeiros  
Pra ferir ou confundir.

Certa vez, numa viagem  
Sugeriu a invasão  
Da cidade de Recife  
No meio de um sopetão  
E Zumbi ficou chocado  
Até mesmo impressionado  
Por tamanha ambição.

Não chegaram a completar  
O seu plano audacioso  
Mas notamos nesse caso  
Um exemplo grandioso  
Da braveza que mostrava  
E Dandara assim reinava  
Com Palmares orgulhoso.

Então vale imaginar  
As ações que aconteciam  
Que os guerreiros de Palmares  
Com Dandara concluíam  
As senzalas arrombavam  
Plantações até queimavam  
E em poder evoluíam.

O quilombo dos Palmares  
Era assim tão majestoso  
Que os brancos despeitados  
Tinham um medo horroroso  
Planejavam o destruir  
Mas chegavam a ruir  
Sendo o ataque desastroso.

Muitos anos desse modo  
Foi Palmares resistindo  
Até que um final ataque  
Acabou lhe destruindo  
E Zumbi traçou a fuga  
Para não largar a luta  
Pela mata foi partindo.

Mas Dandara, encurralada  
Teve só uma opção  
Pra não ser capturada  
Nem cair na escravidão  
Atirou-se da pedreira  
Com convicção inteira  
De negar-se à prisão.

Até mesmo a sua morte  
De heroísmo foi repleta  
E a mensagem que anuncia  
Entendemos bem completa:  
Rejeitar a rendição  
É a nossa condição  
Como um grito de alerta.



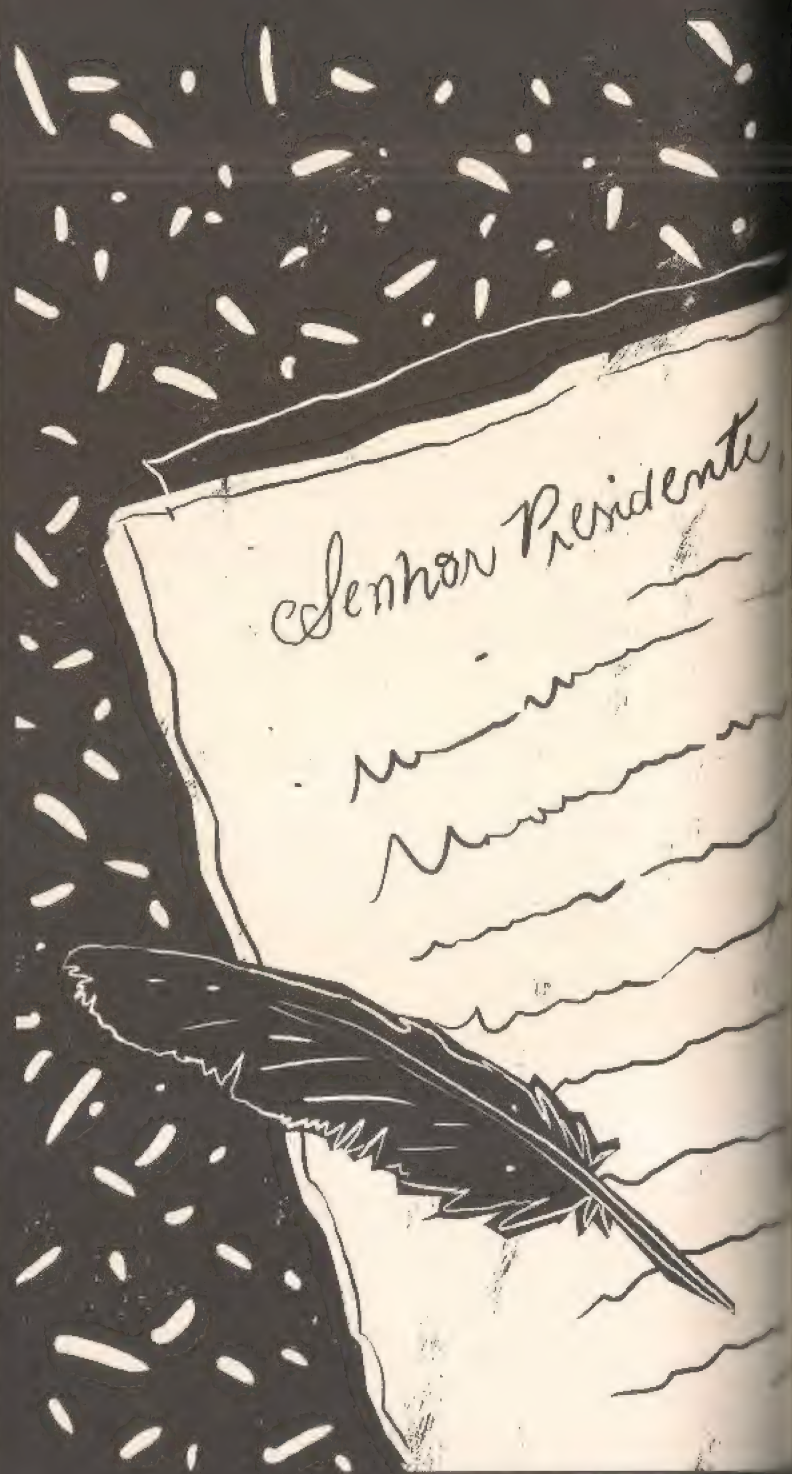
Há quem diga que Dandara  
 É um símbolo lendário  
 Que está representando  
 Um poder imaginário  
 Heroína para a gente  
 Como deusa que ardente  
 Traz o revolucionário.

Se existiu como se conta  
 Ou se lenda representa  
 Para mim tudo resume  
 Essa luta que apresenta  
 Baluarte feminina  
 A guerreira palmarina  
 Na memória se sustenta.


Dia 20 de novembro  
 Dia de lembrar Zumbi  
 É também dessa Dandara  
 Que devemos incluir  
 O seu nome celebrado  
 Sim, merece ser honrado  
 E no peito se sentir.

Do quilombo de Palmares, **Dandara** era parceira do guerreiro Zumbi, com quem teve três filhos. Existem poucos dados sobre sua vida, e por isso sua história é cercada de controvérsias. Diz-se que Dandara lutava capoeira e combatia nos diversos ataques a Palmares no século 17, em Alagoas. Não há confirmação histórica se ela nasceu no Brasil ou na África, mas Dandara sempre lutou contra a escravidão e participou ativamente da resistência do quilombo. Em 1678, Ganga Zumba, líder de Palmares e tio de Zumbi, teria assinado um tratado com o governo de Pernambuco que previa a libertação de prisioneiros palmarinos e a permissão para realizar comércio, em troca da entrega de escravos fugitivos em busca de abrigo. Dandara e Zumbi se opuseram ao pacto, sendo que Zumbi assumiu a liderança após a morte de seu tio. Dandara suicidou-se em 1694, jogando-se de uma pedreira para morrer em liberdade e não na condição de escrava.









JARID ARRAES

# ESPERANÇA GARCIA

— 57

Foi no século dezoito  
Que este caso aconteceu  
No estado Piauí  
A mudança que se deu  
E marcando nossa história  
Esperança apareceu.

Pelos padres jesuítas  
Ela foi escravizada  
Esperança era mulher  
Que vivia maltratada  
Mas sua personalidade  
Era alma de indomada.

Quando estava com os padres  
Esperança se casou  
E chegou a ter um filho  
Que profundamente amou  
Com seu marido vivia  
Mas então tudo mudou.



Pois o Marquês de Pombal  
 Foi aos padres expulsar  
 E a escrava Esperança  
 Acabou-se por passar  
 Ao governo do Estado  
 Que lhe mandou transportar.

Da Fazenda Algodões  
 Esperança foi tirada  
 Foi parar em Nazaré  
 Onde foi escravizada  
 E já nesse novo canto  
 Com dureza era espancada.

Separada do marido  
 Só o filho carregava  
 Mas a pobre da criança  
 Todo dia que apanhava  
 E por isso a Esperança  
 Muito mais se revoltava.

Acontece que Esperança  
 Tinha aprendido a ler  
 Ensinada pelos padres  
 Tinha jeito de escrever  
 Foi aí que decidiu  
 Uma carta conceber.

No dia 6 de setembro  
 Sua carta foi mandada  
 Com palavras de apelo  
 E linguagem explicada  
 Esperança que pedia  
 Por urgente salvaguarda.

O presidente da província  
 Foi quem leu o documento  
 Que continha em suas linhas  
 A denúncia do momento  
 Pois a dor de Esperança  
 Vinha de seu sofrimento.

Nessa carta ela dizia  
 Que vivia a apanhar  
 Uma vez sendo jogada  
 Com intento de matar  
 Foi caindo do sobrado  
 Mas se deu para escapar.

O seu filho, tão pequeno  
 Também era maltratado  
 O feitor da tal fazenda  
 Era um homem endiabrado  
 Que batia sem ter pena  
 Por qualquer caso furado.

Esperança disse ainda  
 Que queria batizar  
 A menina era criança  
 Mas a fé era exemplar  
 E a religião cristã  
 Ela estava a professar.

E falou de outras mulheres  
 Querendo se confessar  
 Que do mesmo jeito dela  
 Precisavam de contar  
 Seus pecados escondidos  
 Para o padre perdoar.



Porque lá onde ela estava  
 Não se tinha a confissão  
 Nem batismo e nem missa  
 Que era assim religião  
 E Esperança argumentava  
 Que isso era confusão.

Foi usando desses pontos  
 Seu exemplo de esperteza  
 Por fazer da fé cristã  
 Argumento de clareza  
 Para ver se conseguia  
 Do governo uma presteza.

Afinal, o que diria  
 Para o branco convencer?  
 Se a gente escravizada  
 Não podia merecer  
 A menor das gentilezas  
 Para em paz sobreviver?

Não se sabe o desfecho  
 Se sequer foi respondida  
 Mas sem dúvida nenhuma  
 Era tão fortalecida  
 A coragem de Esperança  
 Que se tornou conhecida.

Porque no Brasil passado  
 O escravo era excluído  
 Sem saber ler e escrever  
 Sem poder ser instruído  
 Caso alguém fosse enfrentar  
 Acabava perseguido.

Era crime muito grave  
 Ensinar escravo a ler  
 Pela lei que existia  
 Era o jeito de viver  
 E seria muito preso  
 Quem fosse contradizer.

Luiz Mott foi o homem  
 Que essa carta encontrou  
 Quando estava em Portugal  
 Esse historiador  
 Resgatou o documento  
 E assim o publicou.

É por isso que Esperança  
 Na História se mantém  
 Porque teve essa coragem  
 E porque foi muito além  
 Não ficou só em silêncio  
 E mostrou que era alguém.

Se você não conhecia  
 Essa história inspiradora  
 Peço que também espalhe  
 Porque é transformadora  
 A verdade de Esperança  
 Essa grande lutadora.

São inúmeras mulheres  
 Que peitaram toda luta  
 Enfrentando o racismo  
 E com garra na labuta  
 Construíram um caminho  
 Sempre com a mente astuta.




Por causa dessas mulheres  
Hoje temos liberdade  
É por isso que me orgulho  
Da minha ancestralidade  
Preservar é um prazer  
E responsabilidade.

**Esperança Garcia** foi uma escrava alfabetizada ilegalmente por padres jesuítas no final do século 18. Após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês do Pombal, Esperança foi levada da Fazenda dos Algodões, onde vivia com seu marido e filhos, a uma fazenda em Nazaré do Piauí, sob a administração do governo, para trabalhar como cozinheira. Em 6 de setembro de 1770, escreveu uma das mais antigas cartas de denúncia de maus tratos contra escravos, dirigida ao Presidente da Província de São José do Piauí. Na carta, Esperança descrevia a violência física que sofria junto a seu filho pelo feitor da fazenda, e solicitava que fosse devolvida à Fazenda dos Algodões para que pudesse batizar sua filha. Não se sabe se seu pedido foi atendido.









JARID ARRAES

# EVA \* MARIA DO BONSUCESSO

— 67

Existiu uma mulher  
Chamada de Eva Maria  
Quitandeira talentosa  
Que um dia mostraria  
Sua força exemplar  
Sua garra pra lutar  
Sem descanso noite e dia.

Sendo ela escrava forra  
Conseguiu sua liberdade  
Mas a marca do racismo  
Não mudou sua verdade  
Pois trabalho era tanto  
Só ralando em todo canto  
Sempre na dificuldade.



Para assim sobreviver  
Na quitanda ela vendia  
Todo tipo de hortalça  
E de fruta que exhibia  
Fosse a couve pra comer  
A banana a oferecer  
Na calçada ela estaria.

O seu nome foi ligado  
Ao lugar de Bonsucesso  
Sendo no Rio de Janeiro  
Hoje faço seu regresso  
Na memória da discórdia  
Rua da Misericórdia  
Onde o povo tinha acesso.

Foi no século dezenove  
Julho, dia dezesseis  
Mil oitocentos e onze  
Quando algo grande fez  
Pela garra de lutar  
Do direito conquistar  
Com tamanha sensatez.

Nesse dia de trabalho  
Arrumou seu tabuleiro  
Com as frutas e verduras  
Para conseguir dinheiro  
Mas um bicho apareceu  
Foi aí que aconteceu  
Todo seu desenroleio.

Uma cabra correu solta  
E as bananas agarrou  
Foi saindo na carreira  
Mas a Eva se arretou  
E já foi saindo atrás  
Bem nervosa por demais  
Pela cabra que a roubou.

Segurando numa vara  
Eva a cabra perseguiu  
Mas puxou foi o nervoso  
De um branco que isso viu  
Sendo o dono do animal  
Quis sair de maior al  
Mas a Eva reagiu.

José Inácio de Sousa  
Era o nome do senhor  
Que sentiu de achar ruim  
Sem fazer nenhum pudor  
Resolveu lhe estapear  
Sem ao menos perguntar  
O motivo causador.

Quando recebeu o tapa  
Eva logo se mexeu  
Deu o troco rapidinho  
No senhor então bateu  
Foi levada pra polícia  
A danada da milícia  
Que só branco defendeu.



Acontece que eram trinta  
 As pessoas que assistiam  
 E que vendo o ocorrido  
 Sem demora falariam  
 Em favor de Eva Maria  
 E da sua ousadia  
 A mulher defenderiam.

Olhe bem pra esse caso  
 Que negócio interessante  
 Pois o homem sendo branco  
 Sendo rico e dominante  
 Já achou que ganharia  
 E que a Eva prenderia  
 Num estalo de instante.

Só que tanta gente junta  
 Teve força de falar  
 E pelo favor de Eva  
 Foram sim testemunhar  
 Eva ainda abriu a boca  
 Diz até que ficou rouca  
 Pelo forte discursar.

Se você acha que é isso  
 E no fim já vai pensando  
 Saiba que tem muito mais  
 Do que aqui vou te falando  
 Preste muita atenção  
 Veja a baita da emoção  
 Que eu agora vou contando.

Como fosse muito pouco  
 Eva não ter sido presa  
 O desfecho foi maior  
 Do que só sair ilesa  
 Foi o branco enclausurado  
 Por bater foi condenado  
 Na mais dura da certeza.

Imagina a raridade  
 Dum desfecho desse jeito  
 Porque nesse tempo torto  
 Branco que tinha direito  
 Sendo o preto renegado  
 Espancado e injustiçado  
 Sem favor de ser eleito.

A justiça brasileira  
 Nesse caso foi certa  
 E por três meses prendeu  
 Sem considerar besteira  
 O senhor que era agressor  
 Sem espaço pra valor  
 Sem respeito de fronteira.

Depois que passou o tempo  
 Ele então foi libertado  
 Mas na história do Brasil  
 Isso sim ficou marcado  
 Como um caso de união  
 E de mobilização  
 Que nós temos memorado.



Imagine que coragem  
 Que essa Eva possuía  
 Por lutar pelo direito  
 Pelo que constituía  
 Sua fé na liberdade  
 Sua força na verdade  
 Que jamais ela escondia.

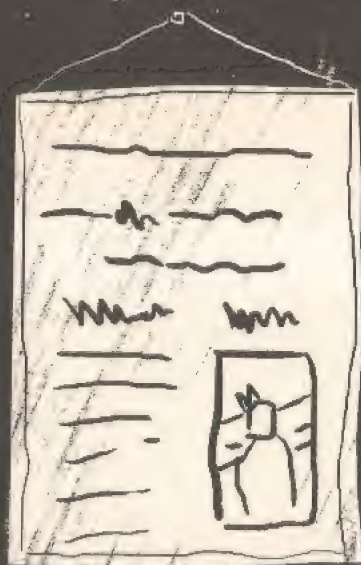
No passado do Brasil  
 No tempo da escravidão  
 Uma história como essa  
 Era sim revolução  
 Mas é fato que existiu  
 E que todo o povo viu  
 Mesmo sendo uma exceção.

É por isso que eu digo  
 Que ela teve um heroísmo  
 Pois sem medo de lutar  
 Enfrentou foi o racismo  
 Por saber que estava certa  
 Se manteve sempre alerta  
 E peitou o vil machismo.

Ela foi Eva Maria  
 Pulso de trabalhadora  
 Por direito de viver  
 Incansável lutadora  
 Ela deu foi um exemplo  
 Que rompeu o véu do tempo  
 E lhe fez mais redentora.

**Eva Maria do Bonsucesso** era uma negra alforriada que trabalhava como quitandeira no Rio de Janeiro (RJ). Em 1811, montou seu tabuleiro numa calçada na região de Bonsucesso, quando uma cabra tangida por um escravo levou uma penca de bananas e um maço de couves. Eva perseguiu a cabra com uma vara na tentativa de recuperar suas mercadorias quando deparou com o dono do animal, o senhor branco José Inácio de Sousa, que, indignado, a esbofeteou. Eva revidou a agressão e foi parar na Justiça, mas as 30 pessoas presentes depuseram de forma unânime em seu favor. Dessa forma, Eva foi um raríssimo exemplo de uma mulher negra que conseguiu vencer um caso contra um senhor branco, que acabou sendo preso.









JARID ARRAES

# \*LAUDELINA\* DE CAMPOS

Vou contar no meu cordel  
Uma história edificante  
Que até hoje reverbera  
Pelos atos importantes  
Nos ensina o que é coragem  
E ativismo impactante.

Laudelina de Campos Melo  
Foi seu nome propagado  
Em mil novecentos e quatro  
Nascimento registrado  
E vivendo nessa Terra  
Fez o mundo abençoado.

Tinha apenas sete anos  
Quando foi ser faxineira  
Empregada de família  
Como profissão primeira  
Mas ainda era tão cedo  
Para ser trabalhadeira!



Imagine que terrível  
Era ainda uma criança  
Mas limpava e cozinhava  
Sem a chance da mudança  
Pois nesse país racista  
Não havia outra esperança.

No entanto, Laudelina  
Cedo se fez consciente  
Entendendo esse problema  
Sem ficar indiferente  
Tinha só dezesseis anos  
Quando se fez imponente.

Foi eleita presidenta  
De um clube interessante  
Chamado Treze de Maio  
Que além de militante  
Era também cultural  
Para os negros, relevante.

Então logo já se nota  
Essa sua consciência  
Era ainda adolescente  
Mas detinha competência  
E o punho bem erguido  
Pela sua inteligência.

Nascida em Poços de Caldas  
Laudelina era mineira  
Mas mudou para São Paulo  
Onde também faxineira  
Se consolidou em Santos  
Como grande pioneira.

Na vanguarda dessa luta  
Por direitos trabalhistas  
Se casou e separou-se  
Sempre enfrentando a lida  
Com dois filhos pra criar  
Mas grandeza em sua vida.

No ano de trinta e seis  
Na política ingressou  
Ao Partido Comunista  
Ela assim se filiou  
E pra completar melhor  
Uma instituição criou.

Era uma Associação  
E do país foi a primeira  
Que tratava dos direitos  
Da empregada e faxineira  
E por isso Laudelina  
Já tomou a dianteira.

Na Frente Negra Brasileira  
Laudelina trabalhou  
A maior associação  
Que a história registrou  
Com trinta mil participantes  
Nessa Frente ela lutou.

No ano de cinquenta e cinco  
Já em Campinas morando  
Entrou para o movimento  
Dos negros se organizando  
E fez parte de um teatro  
Que já vou lhe relatando.



Teatro Experimental do Negro  
 Como era então chamado  
 Foi também de Laudelina  
 Pelos negros aclamado  
 Pois o seu valor imenso  
 Não dá pra ser questionado.

Pela força da cultura  
 De atuar e de dançar  
 Autoestima para os jovens  
 E razão pra confiar  
 Era então esse trabalho  
 Que queria se espalhar.

Por mais de quarenta anos  
 Laudelina trabalhou  
 Como empregada doméstica  
 Até que por fim parou  
 E abriu o seu negócio  
 Que feliz realizou.

Ela vendia salgados  
 E abriu uma pensão  
 Saía em dias de jogo  
 Pra vender à multidão  
 Nos estádios da cidade  
 Com garra e dedicação.

Mas não pense que por isso  
 Ela abandonou a luta  
 Pois tão cedo conheceu  
 A dureza da labuta  
 E jamais renegaria  
 Sua batalha resoluta.

Com ainda mais afinho  
 Ela então se dedicou  
 Lutando pelo seu povo  
 Muito mais realizou  
 Era isso que a movia  
 Nisso sempre acreditou.

Laudelina ainda inventou  
 Um baile de debutantes  
 Para adolescentes negras  
 Fez uma festa importante  
 O Baile Peróla Negra  
 De sua luta resultante.

Fundou mais um sindicato  
 Em Campinas sediado  
 Por direitos trabalhistas  
 Que ainda eram negados  
 Às empregadas domésticas  
 Não parou o seu legado.

Promovia atividades  
 De alfabetização  
 Pra criar a consciência  
 De reivindicação  
 Entre as trabalhadoras  
 Espalhava informação.

Foi chamada em mais cidades  
 Pra abrir mais sindicatos  
 Ajudou muitas mulheres  
 Com retorno imediato  
 E por causa disso tudo  
 O clamor foi espalhado.



Tantos foram os seus feitos  
 Que queria aqui citar  
 Feminista negra e forte  
 Nos inspira a batalhar  
 E lutar pelos direitos  
 Sem parar e sem calar.

Tudo que foi conquistado  
 Para essas trabalhadoras  
 Começou com Laudelina  
 Que foi tão transformadora  
 A coragem que ela teve  
 Nos é muito inspiradora.

As empregadas domésticas  
 Com direitos garantidos  
 Possuem mais dignidade  
 E isso deve ser mantido  
 Pra acabar a exploração  
 E o racismo destruído.


No ano de noventa e um  
 Laudelina faleceu  
 Mas deixou a sua casa  
 Para a luta em que viveu  
 E hoje é do sindicato  
 Que em Campinas ela ergueu.

**Laudelina de Campos Melo** foi defensora dos direitos das mulheres e das empregadas domésticas. Nascida em Poços de Caldas (MG) em 1904, ela perdeu o pai e teve que largar os estudos e trabalhar como empregada doméstica com apenas 7 anos de idade para cuidar dos cinco irmãos mais novos. Com 18 anos, mudou-se para Santos (SP), onde casou-se e, junto ao marido, participava da agremiação Saudade de Campinas, um grupo de valorização da cultura negra. Em 1936, Laudelina se filiou ao Partido Comunista Brasileiro e fundou a primeira Associação de Trabalhadores Domésticos no Brasil. Separou-se do marido em 1938, mas se envolveu cada vez mais com movimentos políticos de esquerda, sendo que também militou na Frente Negra Brasileira. Anos depois, mudou-se para Campinas, onde integrou o Movimento Negro de Campinas e protestava contra o racismo. Em 1961, fundou a Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas, que mais tarde se tornaria o primeiro Sindicato das Empregadas Domésticas.









JARID ARRAES

# \* LUISA \* MAHIN

No século 19  
Luísa Mahin nasceu  
Com origem africana  
Sua história aconteceu  
E com incessante gana  
Seu nome prevaleceu.

Vinda da Costa da Mina  
Afirmava ser princesa  
Mas vendida como escrava  
Teve na luta a certeza  
Depois de alforriada  
Demonstrou sua proeza.

Viveu como quituteira  
E morou em Salvador  
Usou com inteligência  
Seus talentos de sabor  
Pois usava o tabuleiro  
De mensagens portador.



Nos quitutes que vendia  
Ela neles enrolava  
As mensagens escondidas  
Que em árabe espalhava  
Ajudando nos motins  
Que também organizava.

Muitas das rebeliões  
Dos escravos na Bahia  
Tinham a participação  
Que Luísa oferecia  
Sua contribuição  
Era de grande valia.

A revolta dos Malês  
Ocorreu em Salvador  
Foi a mobilização  
Com origem dos Nagôs  
Os escravos muçulmanos  
Ajuntados com fervor.

Se fosse vitoriosa  
A revolta organizada  
Luísa Mahin seria  
De Rainha coroada  
No Estado da Bahia  
Ela seria aclamada.

Mas Luísa se envolveu  
Na revolta Sabinada  
Muito foi auxiliar  
Com mensagem repassada  
Pela sua inteligência  
Ela deve ser lembrada.

**SE FOSSE VITORIOSA  
A REVOLTA ORGANIZADA  
LUÍSA MAHIN SERIA  
DE RAINHA COROADA  
NO ESTADO DA BAHIA  
ELA SERIA ACLAMADA.**





Lá também foi descoberta  
Perseguida e encontrada  
Dizem que fugiu pro Rio  
Onde então foi degredada  
Enviada para Angola  
Mas não foi documentada.

É por isso que existe  
Quem pesquise diferente  
E afirme que Luísa  
Foi bem mais eficiente  
Fugindo pro Maranhão  
Onde foi muito influente.

Há autores que afirmam  
Que Mahin desenvolveu  
Dança tambor de crioula  
E então permaneceu  
Como forte referência  
Ao redor do povo seu.

Importante mencionar  
Que foi mãe de Luís Gama  
Poeta e abolicionista  
De imensurável chama  
E por ele foi citada  
Respeitando sua fama.

Luís Gama que escreveu  
Sobre ela registrou:  
Era magra e muito bela  
E retinta a sua cor  
Dentes alvos e brilhantes  
De um gênio vingador.

Era uma mulher sofrida  
Muito ativa e generosa  
Também boa quintandeira  
Sempre tão laboriosa  
Das origens convencida  
Era delas orgulhosa.

O pai branco de Luís  
O vendeu quando criança  
Separando de sua mãe  
Na racista podre herança  
De ser branco dominante  
Indigno de confiança.

Mas Luísa era guerreira  
A rebelde sem igual  
Fez ainda de sua casa  
Como um quartel general  
Onde eram planejadas  
As revoltas sem igual.

Apesar de tudo isso  
E de tudo que lutou  
Essa mulher imponente  
Muito se silenciou  
Pois ainda não se conta  
Tudo que realizou.

Mas apenas sua memória  
É forte o suficiente  
Pra mexer na estrutura  
Dessa gente incoerente  
Que não fala a verdade  
Sobre o negro insurgente.



Gostaria que Luísa  
 Fosse muito mais lembrada  
 Nas escolas brasileiras  
 Fosse sempre ali citada  
 É por isso que lutamos  
 Pra que seja memorada.

E para as mulheres negras  
 Mahin é uma referência  
 Um espelho poderoso  
 Dessa forte resistência  
 É coragem feminina  
 E também resiliência.

Agradeço essa Luísa  
 E espero que hoje seja  
 Como foi na sua África  
 Novamente então princesa  
 Ou melhor, uma rainha  
 Com a chama sempre acesa.

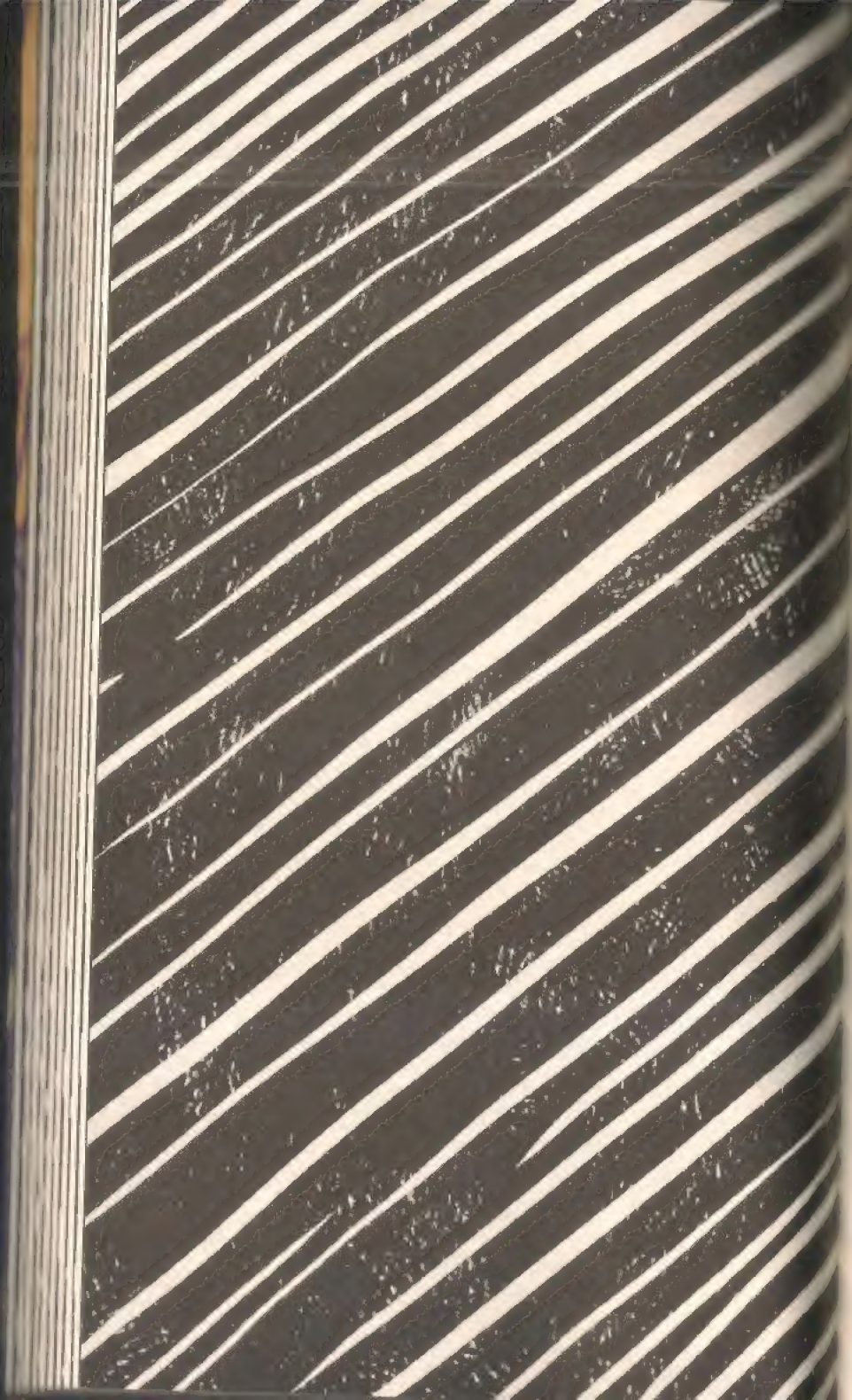
Esperamos que um dia  
 De você saibamos mais  
 E talvez nos encontremos  
 Com os nossos ancestrais  
 Com respeito e reverência  
 Nas raízes culturais.

**Luísa Mahin** foi uma africana vinda da Costa da Mina, onde teria sido uma princesa, vendida depois como escrava. Foi trazida ao Brasil e alforriada em 1812. Viveu como quituteira em Salvador (BA) e deu à luz Luís Gama, importante abolicionista e poeta brasileiro. Luísa era praticante da religião islâmica e repassava bilhetes em seus quitutes, envolvendo-se em muitas rebeliões, como a Revolta dos Malês, em 1835, e a Sabinada, em 1837. Caso a Revolta dos Malês tivesse sido vitoriosa, Luísa Mahin teria se tornado a Rainha da Bahia. Quando descoberta, foi perseguida e fugiu ao Rio de Janeiro (RJ), onde foi detida. Não se sabe se foi levada para Angola, na África, ou se conseguiu fugir. Alguns autores afirmam que ela teria se instalado no Maranhão, onde desenvolveu o tambor de crioula.









JARID ARRAES

# \* MARIA FELIPA \*

Nos registros brasileiros  
A injustiça predomina  
E o danado esquecimento  
Na injustiça se culmina  
Pois ainda não se acha  
Tudo o que se examina.

Esquecidas da História  
As mulheres inda estão  
Sendo negras, só piora  
Esse quadro de exclusão  
Sobre elas não se grava  
Nem se faz uma menção.

Cito a Maria Felipa  
Exemplar essa guerreira  
Natural de Itaparica  
Foi na ilha marisqueira  
E lutou tão bravamente  
Liderando na trincheira.



Mulher negra corajosa  
E também trabalhadora  
Era muito bem querida  
Pela gente sofredora  
Um exemplo irreparável  
De mulher pelejadora.

Na Ilha de Itaparica  
No Estado da Bahia  
Ela assumiu o comando  
Da batalha que zunia  
Pela então Independência  
Da Bahia onde vivia.

Essa Maria Felipa  
As mulheres liderou  
Eram cerca de quarenta  
As mulheres que juntou  
E com muita ousadia  
Grande incêndio provocou.

Reunidas as guerreiras  
Por Felipa lideradas  
Colocaram fogo alto  
Nas embarcações chegadas  
E que eram inimigas  
Da gente mobilizada.

As embarcações queimadas  
Dizem ser mais de cinquenta  
Mas também há quem afirme  
Que a contagem nem se tenta  
Pois tamanha quantidade  
Facilmente não se ostenta.

As mulheres reunidas  
E dotadas de esperteza  
Prepararam uma armadilha  
Com o engano da beleza  
Seduziram os portugueses  
Bem sabidas com destreza.

Seduzidos e animados  
Eles foram enganados  
Já estavam até sem roupa  
Quando foram espancados  
Com galhos de cansação  
Acabaram bem surrados.

Cansação é uma planta  
Que provoca queimadura  
Similar à tal urtiga  
O queimado é sem firula  
Inda mais se não tiver  
Proteção duma armadura.

Mas o caso aqui contado  
Não é único ou final  
Já que a Maria Felipa  
Era líder sem igual  
E com muita inteligência  
Fez de si fenomenal.

Muitos homens e mulheres  
Muitas classes e etnias  
Encontravam em Felipa  
Heroína de ousadia  
E por isso se guiavam  
Pelo que ela lhes dizia.



Junto com a sua gente  
Ela então fortificou  
As praias de Itaparica  
E também organizou  
O envio de alimentos  
Pra quem deles precisou.

Além desses mantimentos  
Que Felipa garantiu  
Ela também foi pra guerra  
Como nunca antes se viu  
E bastante ativamente  
Nos conflitos emergiu.

Outro caso memorável  
Que aqui posso contar  
Foi uma tal cerimônia  
Pra bandeira se hastear  
Quando Guimarães das Uvas  
Ela resolveu surrar.

Para nesse português  
Ela dar uma lição  
Felipa também contou  
Com a organização  
De mais força feminina  
Que lhe estendeu a mão.

Ela era negra e pobre  
E morava no Convento  
Casarão assim chamado  
Porque nesse embasamento  
Só morava ali a gente  
Que só possuía o vento.

Mas se não tinha dinheiro  
Era então trabalhadora  
Corajosa e imponente  
Grandemente inspiradora  
Tinha a pura vocação  
De nos ser libertadora.

Ela até por escritores  
Foi em livros registrada  
Xavier Marques foi um  
Que lhe fez então citada  
E também Ubaldo Osório  
Quando da Ilha contava.

Há quem diga sem acanho  
Que ela foi inspiração  
Para a Maria da Fé  
Dum livro sobre a Nação  
"Viva o Povo Brasileiro"  
É sua intitulação.

Heroína Negra e forte  
Líder dessa Independência  
Para o povo da Bahia  
É imensa essa influência  
Que dela jamais esquece  
Por sua resiliência.

Como fica muito claro  
Nosso povo tem história  
E por isso nós devemos  
O respeito e a memória  
Para Maria Felipa  
Que viveu imensa glória.

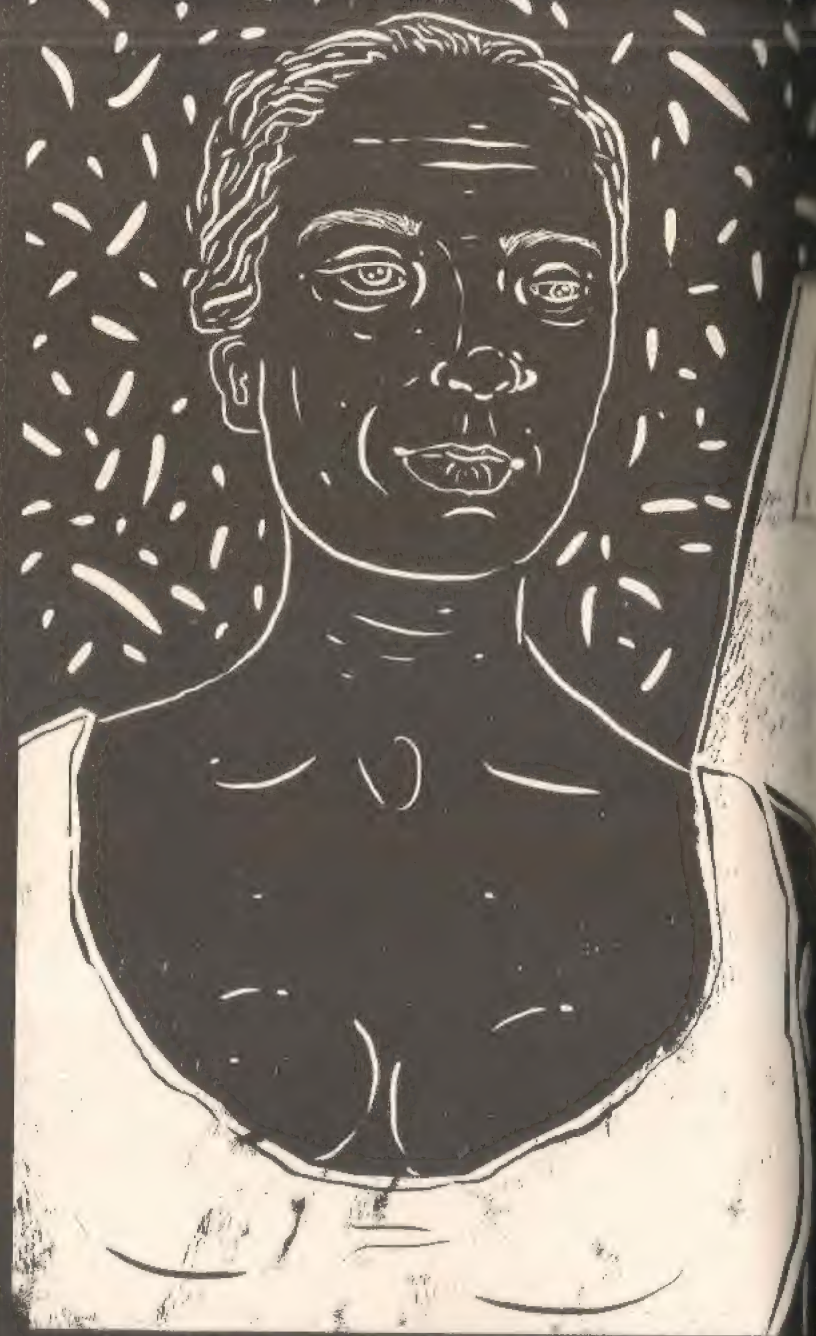


Na História do Brasil  
As mulheres negras são  
Baluarte e segurança  
Com grandeza e emoção  
Lutadoras dessa terra  
E heroínas da nação.


Que a partir desse momento  
Nossa história vá gravada  
Tendo o reconhecimento  
Pela batalha travada  
Pois só assim que teremos  
Nossa alma bem lavada.

**Maria Felipa de Oliveira** nasceu na Ilha de Itaparica (BA) no começo do século 19, possivelmente descendente de negros escravizados do Sudão. Vivia como pescadora e marisqueira e participou pela luta da independência da Bahia, na qual liderou 200 pessoas, entre elas índios e mulheres negras. Nas batalhas contra portugueses que atacavam a ilha, Maria Felipa e seus companheiros queimaram pelo menos 40 embarcações inimigas. Maria Felipa é citada pelos historiadores Ubaldo Osório Pimentel e Xavier Marque em suas obras, que apuram registros de pessoas lideradas por ela.









JARID ARRAES

# M<sup>A</sup> FIRMINA DOS REIS

Maria Firmina dos Reis  
De mulata foi chamada  
Mas renego esse termo  
Pra gente miscigenada  
Reconheço-a como negra  
Sendo assim bem nomeada.

Foi nascida em São Luís  
No estado Maranhão  
Dia onze de outubro  
No país, a escravidão  
mil oitocentos e vinte e cinco  
No Nordeste da nação.

Apesar do seu registro  
De bastarda carimbada  
Sofreu muito preconceito  
Por não ser endinheirada  
E foi na dificuldade  
Que se fez iluminada.



Para ter vida melhor  
Com a tia foi morar  
Sempre muito esforçada  
Conseguiu se educar  
Pois sabia da importância  
Que existe em estudar.

Tinha assim vinte e dois anos  
Quando foi ela aprovada  
Para vaga numa escola  
Onde muito dedicada  
Excelente professora  
Foi por todos registrada.

Só que Maria Firmina  
Tinha livre o coração  
Defendendo com clareza  
Que acabasse a escravidão  
Para ela o ideal  
Era a certa abolição.

Uma forma que encontrou  
Pra política exercer  
Foi na arte literária  
Que ela veio a escrever  
Contos, livro e poesia  
Tudo pronto pra se ler.

Com jornais de sua época  
Ela assim colaborava  
Enviava poesias  
Mas também se dedicava  
Ao escrito do seu livro  
Que orgulhosa rascunhava.

Teve uma coletânea  
De poemas inspirados  
Nos seus versos de amor  
Com afínco lapidados  
Ela mostra seu talento  
De beleza devirado.

Como "Úrsula" chamou  
Seu romance publicado  
E na História brasileira  
O seu nome está gravado  
Como sendo a pioneira  
Desse estilo já citado.

A primeira romancista  
Que foi negra e nordestina  
Soube usar com esperteza  
O fulgor da sua sina  
Trabalhou suas palavras  
Mesmo sendo clandestina.

Porque de dificuldades  
Sua vida foi inteira  
Até mesmo pseudônimo  
Foi sua opção primeira  
Como "Uma Maranhense"  
Assinou sua trincheira.

Em suas obras literárias  
Ela sempre demonstrou  
O seu abolicionismo  
Que na escrita assinalou  
E a sua origem negra  
Com certeza que honrou.



Quando publicou seu livro  
 Chegou mesmo a falar  
 Que não tinha educação  
 E o prestígio elementar  
 De quem era branco e rico  
 Podendo a tudo comprar.

Disse que era mulher  
 E não foi pro exterior  
 Mas assim ela escrevia  
 E sabia o seu valor  
 Dava luz a esse livro  
 Com seu peito em ardor.

Aos cinquenta e cinco anos  
 Uma escola ela fundou  
 Pra meninas e meninos  
 Sendo mista começou  
 Como escola gratuita  
 Que pouquíssimo durou.

A polêmica foi tanta  
 No pequeno povoado  
 Que era em Maçaricó  
 Guimarães regionado  
 Que durou só por três anos  
 E o portão já foi fechado.

Que tristeza saber disso  
 Era um tempo tão machista  
 Mas a nobre professora  
 Sempre forte e ativista  
 Assumia toda luta  
 Sem temer nenhum racista.

Em mil novecentos e dezessete  
 A Firmina faleceu  
 Mas deixou para memória  
 A herança que escreveu  
 E que sempre a duras penas  
 Para o mundo ofereceu.

Ela foi tão importante  
 Para outras instigar  
 E a mim muito emocionou  
 Quase ao ponto de chorar  
 Quando penso em sua vida  
 Quero assim compartilhar.

Porque graças a Firmina  
 Hoje temos esse espelho  
 Da mulher negra escritora  
 E que publicou primeiro  
 Um livro abolicionista  
 Como mais belo centelho.

No entanto, me revolta  
 O nojento esquecimento  
 Pois nem mesmo na escola  
 Nem sequer por um momento  
 Eu ouvi falar seu nome  
 Para o reconhecimento.

Como pode algo assim?  
 Se a história ela marcou  
 Por que não falamos dela  
 Nem do que ela conquistou?  
 É terrível a injustiça  
 Que a escola maculou.



É por isso que eu faço  
 No cordel a correção  
 Que conheça a Firmina  
 Um orgulho pra nação  
 E que espalhem sua obra  
 Que desperta o coração.

Sendo "Úrsula" seu livro  
 "A Escrava" foi um conto  
 Mais "Cantos à beira-mar"  
 Que aqui aumenta um ponto  
 Obras de profundidade  
 E também de contraponto.


Com humilde gratidão  
 Quero aqui enaltecer  
 A Firmina escritora  
 Em quem eu consigo ver  
 Uma negra corajosa  
 Para me fortalecer.

**Maria Firmina dos Reis** é considerada a primeira romancista brasileira, e também fazia composições musicais e poesias. Nasceu em 1825 na Ilha de São Luís (MA) e mudou-se em 1830 para São José de Guimarães, onde começou a estudar de forma autodidata. Com 22 anos, tornou-se a primeira professora concursada do estado do Maranhão. Enquanto trabalhava, Maria Firmina escrevia seu próprio romance, *Úrsula*, publicado em 1959 como primeiro romance abolicionista e primeiro romance escrito por uma mulher negra no Brasil. Em 1880, se aposentou e fundou uma escola gratuita para meninos e meninas no povoado de Maçaricó, que seria fechada mais tarde devido ao machismo daquela época. Maria Firmina continuou atuando como ativista na campanha abolicionista e escrevendo obras antiescravistas até o seu falecimento, em 1917, no município de Guimarães.









JARID ARRAES

# MARIANA CRIOULA

— 117

Vou contar uma história  
Da mais pura resistência  
Sobre a vida de uma líder  
Com tamanha inteligência  
Que foi fonte de coragem  
Pra sua sobrevivência.

Foi em Paty do Alferes  
No estado Rio de Janeiro  
Lá no Vale do Café  
Que um rebuliço inteiro  
Foi por ela liderado  
E foi nela derradeiro.

Foi Mariana Crioula  
Nome para se guardar  
Era escrava com função  
De mucama e costurar  
Vivia na Casa Grande  
Mandada pra trabalhar.



A senhora das fazendas  
Que da dor se enricava  
Era Francisca Xavier  
E o bolso transbordava  
Pelo sangue dos escravos  
Que nas terras maltratava.

Maravilha e Freguesia  
Eram os nomes das fazendas  
Onde tudo teve início  
Sem a chance de emenda  
Foi dali que a revolta  
Explodiu numa contenda.

Mil oitocentos e trinta e oito  
Foi o ano apontado  
Um escravo acabou morto  
Depois de ser castigado  
Por tentar fugir dali  
Acabou sendo espancado.

Na fazenda Maravilha  
Os escravos se juntaram  
Foram mais de quatrocentos  
Os que ali se rebelaram  
Foram prontos pra fugir  
Como sempre desejaram.

Tanta gente organizada  
Possuía a liderança  
De um tal Manoel Congo  
Que lutava na esperança  
De viver a liberdade  
Com muita perseverança.

Mariana estava junto  
E com Manoel fez par  
O casal era tão forte  
E capazes de inspirar  
Que de rei e de rainha  
Se fizeram aclamar.

Ambos iam liderando  
O seu povo a escapar  
E nas matas se enfiaram  
Pra fugir e descansar  
Foi em Santa Cantarina  
Que o grupo foi parar.

Na Serra da Mantiqueira  
Todos juntos inda estavam  
Quando foram emboscados  
Pelos brancos que atacavam  
E com muita violência  
Suas armas lhes miravam.

No entanto, Mariana  
Agiu bem dissimulada  
Disse que não era líder  
Que fora influenciada  
E acabou absolvida  
Sem ter sido condenada.

Veja só que interessante  
O desfecho dessa história  
Poucos foram os punidos  
E a rainha em sua glória  
Conseguiu salvar sua vida  
E também sua memória.



Foi surpresa para muitos  
Porque a fama da rainha  
Era grande e atestada  
E até testemunha tinha!  
Sua forte liderança  
Era tal qual cambrainha.

Mariana então voltou  
Pra fazenda foi levada  
Mas duvido que ela tenha  
Vivido tão conformada  
Pois a sua alma livre  
Nunca pode ser domada.

Também veja que sucesso  
Que a revolta se mostrou  
Pois centenas que fugiram  
E só poucos se pegou  
É por isso que o esforço  
Muito bem que se pagou.

Mariana foi a líder  
Desse feito exemplar  
E ficou para a História  
Pela gana de lutar  
Na batalha ou na mentira  
Sua vida quis salvar.

Sempre penso em Mariana  
E imagino o seu final  
Será que depois fugiu?  
Foi de novo a maior al?  
Qual que seja essa resposta  
Foi rainha sem igual.

**MARIANA FOI A LÍDER  
DESSE FEITO EXEMPLAR  
E FICOU PARA A HISTÓRIA  
PELA GANA DE LUTAR  
NA BATALHA OU NA MENTIRA  
SUA VIDA QUIS SALVAR.**





E assim como Mariana  
Muitas outras existiram  
Que lutaram e lideraram  
Bravamente resistiram  
Essas heroínas negras  
Na História emergiram.

Mesmo que pouco lembradas  
Elas são inspiração  
Pois nos contam a verdade  
Sobre a história da nação  
Onde os negros guerrearam  
Pela enfim libertação.

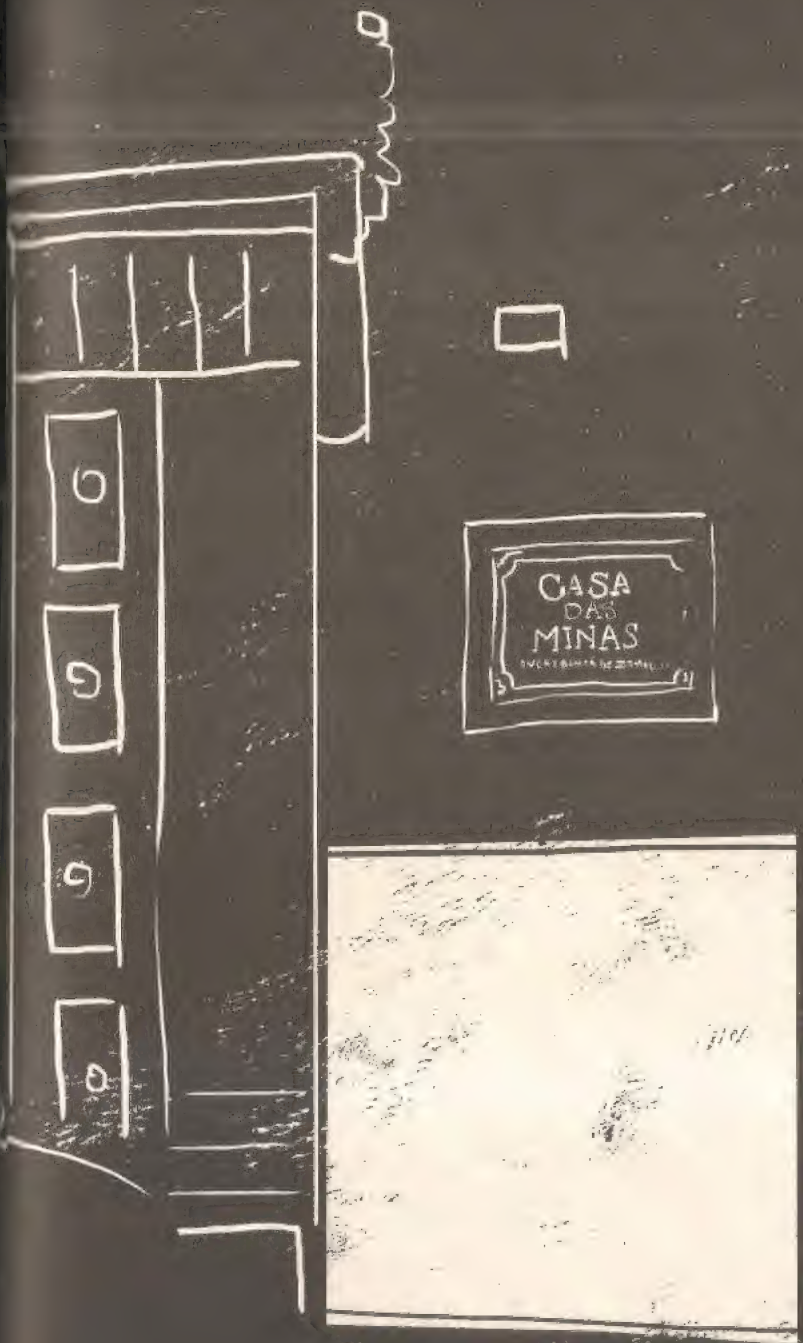
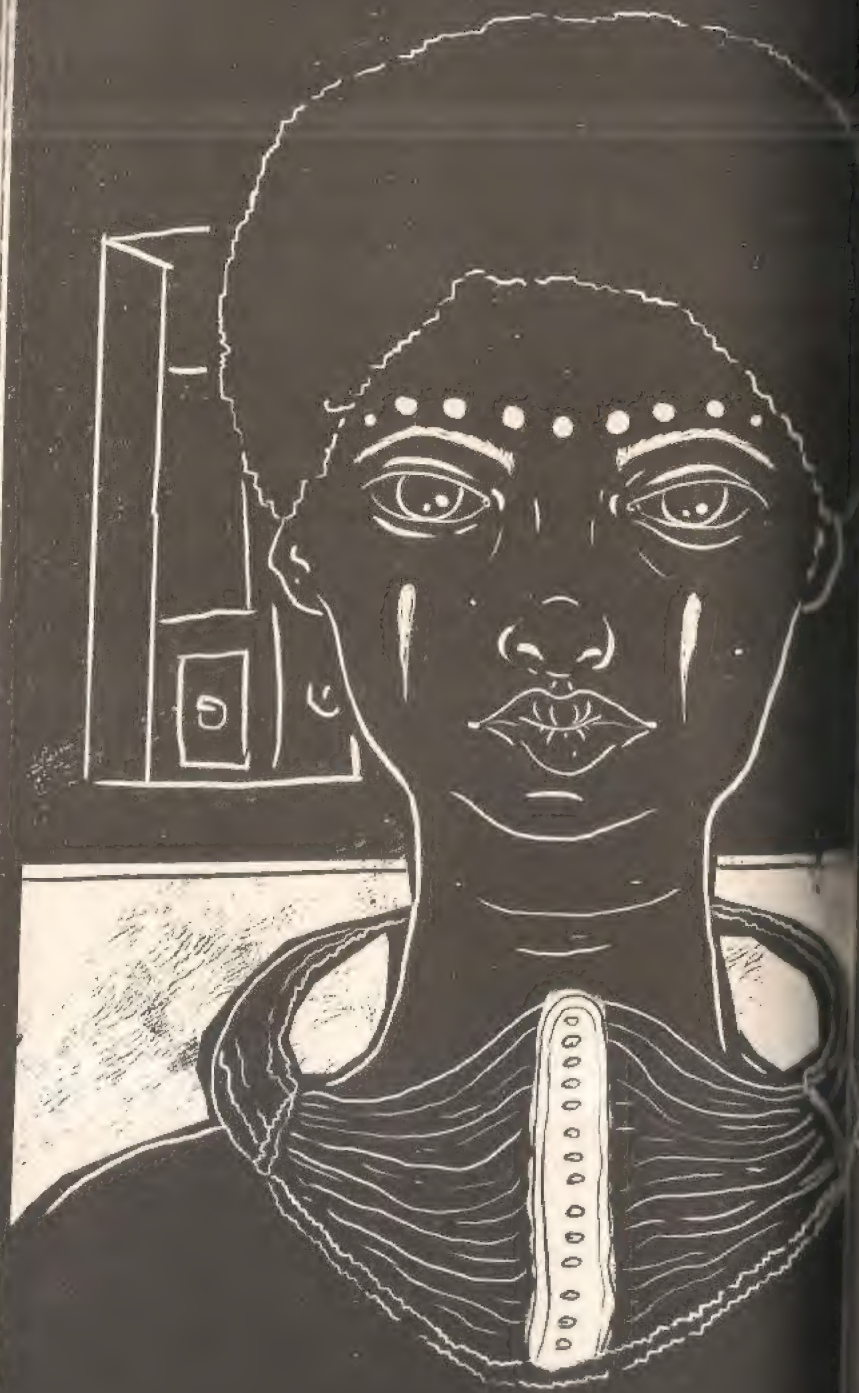
Se na escola não se ensina  
E se na TV não mostra  
Eu escrevo esse cordel  
E espalho essa proposta  
Compartilha quem entende  
E quem da verdade gosta.

Que Mariana Crioula  
Faça parte da memória  
Para toda gente negra  
Para toda nossa história  
Que seu nome se espalhe  
Pois é nossa essa vitória.

A lição é que entregar-se  
Nunca é uma opção  
Só lutar que muda a vida  
Batalhando em união  
Com o firme objetivo  
De alcançar transformação.

**Mariana Crioula** foi uma escrava brasileira que vivia em Paty do Alferes (RJ). Trabalhava como costureira e mucama e era considerada uma das escravas de confiança da casa-grande. Em 1838, Mariana participou da maior revolta de escravos do Rio de Janeiro, liderada pelo ferreiro Manuel Congo, que reuniu cerca de 300 negros de fazendas vizinhas. Apesar de ter sido casada com outro escravo da fazenda, foi nomeada rainha do quilombo junto a Manuel, que era chamado de rei. Em 1839, foi capturada com outros 15 fugitivos e levada a julgamento. Ao ser questionada, Mariana alegou ter sido induzida à fuga e, para a sua surpresa, foi absolvida junto a todas as outras mulheres, provavelmente a pedido da senhora para quem trabalhava, mas precisou assistir ao enforcamento de seu companheiro, Manuel Congo.









JARID ARRAES

# \* NA \* AGONTIMÊ

No estado do Maranhão  
É possível de encontrar  
Um templo de tradição  
Que já muito ouvi falar  
Chamado Casa das Minas  
Que nos mostra sua sina  
Dessa história preservar.

Diz que foi Agontimê  
Quem o templo começou  
Era ela uma rainha  
Que em Daomé reinou  
Hoje chamado Benin  
Foi na África assim  
Que ela se consolidou.



A Agontimé rainha  
 Se casou com Agonglô  
 Mas a sua viuvez  
 Só lhe trouxe muita dor  
 Pois o filho do marido  
 De maldade proferido  
 Feito escrava lhe botou.

A rainha tinha um filho  
 Guezo como foi chamado  
 Mas também por seu irmão  
 Pro exílio foi mandado  
 E a mulher sem proteção  
 Não deteve a reação  
 Contra o mal que foi jogado.

O enteado Adandozan  
 Como infame era contado  
 Pela sua crueldade  
 Era ainda declamado  
 Esse homem traidor  
 Foi então provocador  
 Do desfecho aqui falado.

A rainha Agontimé  
 Como escrava foi vendida  
 E parou no Maranhão  
 Onde assim foi escolhida  
 Para ser renomeada  
 C'outro nome batizada  
 De direitos foi tolhida.

Foi Maria Jesuína  
 O nome que lhe impuseram  
 E com muita crueldade  
 De escrava lhe fizeram  
 Mas a sua raiz forte  
 Que vencia até a morte  
 Esses brancos não tiveram.

Sobre Na Agontimé  
 Muito pouco é registrado  
 Mas aquilo que se sabe  
 Faço ser aqui contado  
 Pois tenho admiração  
 Pela brava tradição  
 E pelo que foi fundado.

Dizem que sua aparência  
 Sua origem revelava  
 Tinha marcas pelo rosto  
 E com isso se mostrava  
 A raiz da sua gente  
 Que a ela foi potente  
 E que ela preservava.

Era Mãe de Zomadônu  
 Um vodum da tradição  
 Que usou para fundar  
 E fazer a condição  
 Do seu templo levantado  
 Até hoje preservado  
 Com imensa redenção.



Dizem que esse Zomadônu  
 É o vodum mais poderoso  
 Que lá no Reino de Fon  
 Tinha um nome orgulhoso  
 Os segredos de valor  
 São guardados com primor  
 E sigilo respeitoso.

Mas na terra da rainha  
 Algo estava pra mudar  
 Pois enquanto ela sofria  
 O seu filho ia enfrentar  
 A maldade que reinava  
 Que a todos dominava  
 Para assim os libertar.

Guezo de Agontimé  
 Acabou por destronar  
 O irmão Adandozan  
 Que findou em humilhar  
 E quase imediatamente  
 Só pensava em novamente  
 Sua mãe reencontrar.

Guezo organizou a busca  
 Pra rainha resgatar  
 Até no Brasil pararam  
 Sem jamais se descansar  
 Porém nunca a encontraram  
 E pra Daomé voltaram  
 Com seu rei a lamentar.

Essa história que eu conto  
 É repleta de minúcias  
 E para que se conheça  
 Os detalhes com astúcia  
 É preciso pesquisar  
 Com vontade de estudar  
 Feito o uso da argúcia.

Num colóquio da Unesco  
 Ela foi enaltecida  
 Como a nobre fundadora  
 Dessa Casa conhecida  
 Teve até pesquisador  
 Que foi o registrador  
 Pra que não fosse esquecida.

Pierre Verger é o nome  
 Desse homem estudioso  
 Que pesquisa a tradição  
 Do meu povo orgulhoso  
 Viajou para o Benin  
 Identificou assim  
 E foi muito proveitoso.

Até hoje na memória  
 Na Agontimé existe  
 Seu legado inspirador  
 Realmente se persiste  
 Grande foi sua importância  
 De imensa relevância  
 Para o povo que resiste.



Sobre esse Tambor de Mina  
 Também vale conhecer  
 A religião do povo  
 Que apesar de padecer  
 Conseguiu perpetuar  
 Para sempre preservar  
 E enfim prevalecer.

Sobre Na Agontimé  
 Nem sequer nós estudamos  
 O seu nome tão bonito  
 Na escola não lembramos  
 Isso é triste por demais  
 Esquecer dos ancestrais  
 De quem tanto precisamos.

Mas o fato é muito claro:  
 Foi rainha e lutadora  
 Coroada com bravura  
 Ela foi conquistadora  
 Para sempre a inspirar  
 Na memória a lembrar  
 Como foi norteadora.

Mesmo numa terra hostil  
 Seu legado construiu  
 E por causa de sua fé  
 Sua crença resistiu  
 Hoje tem Casa das Minas  
 Que caminhos ilumina:  
 A rainha conseguiu!

Na Agontimé foi uma das esposas do rei Agonglo, do distante reino africano Daomé. Agonglo tinha muitos filhos, mas o filho mais velho, Adandozan, era sanguinário, e todos temiam que ele assumisse o trono. Assim, após uma consulta aos deuses, foi decidido que Ghezo, o filho de Na Agontimé, sucederia o rei. Em 1797, Agonglo faleceu, e Adandozan, em um acesso de fúria, vendeu Na Agontimé como escrava e ordenou que seu nome fosse mudado, para que ninguém jamais a encontrasse – assim Na Agontimé passou a ser conhecida como Maria Jesuína. Ao chegar a São Luís (MA), conseguiu comprar sua liberdade e fundou o Querebentã de Zomadunu, conhecido como Casa das Minas, onde construiu, com a ajuda de outras mulheres, altares e templos religiosos. Anos depois, Ghezo viria a destonar Adandozan e mandou uma missão ao Brasil para resgatar a sua mãe, mas nunca a encontrou.







JARID ARRAES

# TEREZA DE BENGUELA

Na história do Brasil  
Nas escolas ensinada  
Aprendemos a mentira  
Que nos é sempre contada  
Sobre o povo negro e índio  
Sobre a gente escravizada.

Nos contaram que escravos  
Não lutavam nem tentavam  
Conquistar a liberdade  
Que eles tanto almejavam  
E por isso que passivos  
Os escravos se encontravam.

Ô mentira catimboza  
Me dá nojo de pensar  
Pois o povo negro tinha  
Muita força pra juntar  
E com grande inteligência  
Se uniam pra lutar.



Um exemplo muito grande  
 É Tereza de Benguela  
 A rainha de um quilombo  
 Que mantinha uma querela  
 Contra o branco opressor  
 Sem aceite de tutela.

No estado Mato Grosso  
 Havia o Quariterê  
 Um quilombo importante  
 Para livre se viver  
 Cooperando em coletivo  
 Guerreando pra vencer.

Zé Piolho, seu marido  
 Acabou por falecer  
 E Tereza de Benguela  
 Veio pois rainha a ser  
 Liderando com firmeza  
 Na certeza de crescer.

No quilombo liderado  
 Era possível encontrar  
 Estrutura de política  
 Que seria de invejar  
 E a administração  
 Também era exemplar.

Tinha armas poderosas  
 Pra lutar e resistir  
 Com talento pra forjar  
 Se botavam a fundir  
 Objetos muito úteis  
 Para a vida construir.

As algemas e outros ferros  
 Que serviam de prisão  
 Lá na forja transformavam  
 Pra outra utilização  
 Não serviam de tortura  
 Mas para a libertação.

O quilombo tinha armas  
 Pela troca ou por resgate  
 E com muita resistência  
 Suportavam esse embate  
 Libertando muita gente  
 Pela via do combate.

O sistema muito rico  
 Tinha até um parlamento  
 E também um conselheiro  
 Pra rainha embasamento  
 Que exemplo grandioso  
 Era o gerenciamento!

Além disso ainda tinha  
 O plantio de algodão  
 E também lá se tecia  
 Pra comercialização  
 Os tecidos que vendiam  
 Fora da quilombação.

As comidas do quilombo  
 Que ali eram plantadas  
 Divididas entre todos  
 Também comercializadas  
 Tudo aquilo que sobrava  
 Para venda enviadas.



Tinha milho e macaxeira  
E também tinha feijão  
Sem esquecer a banana  
Com fins de alimentação  
E as sobras, como disse  
Pra comercialização.

Foi por isso que Tereza  
Duas décadas reinou  
Com a força do quilombo  
Que com garra liderou  
E por isso pra história  
A rainha então ficou.

Em mil setecentos e setenta  
Quariterê foi atacado  
Por Luiz Pinto de Souza  
o Coutinho era enviado  
Pelo sistema escravista  
O quilombo era acabado.

A população de negros  
Setenta e nove se contavam  
E a população de índios  
Tinham trinta que restavam  
Foram presos, foram mortos  
Pelos que assassinavam.

De acordo com o registro  
Tereza foi capturada  
Mas depois de poucos dias  
A rainha adoentada  
Terminou-se falecendo  
Da mazela ali tomada.

E os brancos matadores  
A cabeça lhe cortaram  
Exibindo em alto poste  
Pra mostrar aos que ficaram  
A maldade desses vermes  
Que do racismo enricaram.

Dia vinte e cinco de julho  
É o dia de lembrar  
De Tereza de Benguela  
Que heroína a reinar  
Foi durante sua vida  
Sem jamais silenciar.

Que exemplo inspirador  
Que mulher tão imponente  
Foi Tereza de Benguela  
Uma deusa para a gente  
Que até hoje não desiste  
Dessa luta pertinente.

É por isso que escrevo  
Mulher negra também sou  
E registro de Tereza  
O legado que ficou  
Pois bem poderosamente  
A Tereza aqui passou.

Que seus feitos importantes  
Não mais sejam esquecidos  
Que o racismo asqueroso  
Não lhes deixe escondidos  
Pois são para o povo negro  
Exemplos fortalecidos.



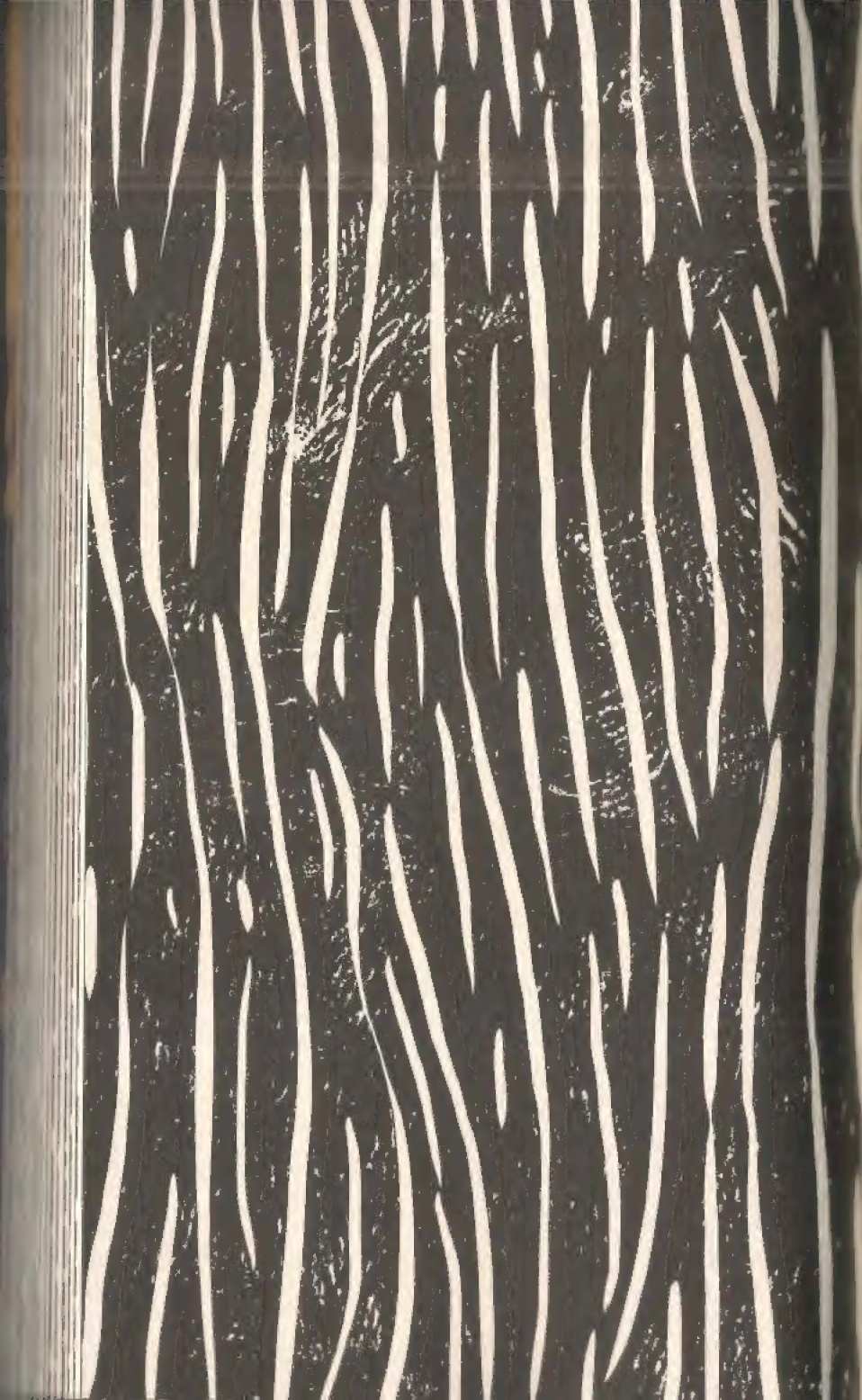
Oh, Tereza de Benguela!  
Nosso espelho ancestral  
Sua alma ainda vive  
E entre nós é maior  
Nós honramos sua luta  
Sua força atemporal!

**Tereza de Benguela** viveu no Mato Grosso durante o século 18. Após o falecimento de seu marido, José Piolho, chefe do Quilombo do Quariterê, Tereza se tornou uma rainha quilombola. Ela mantinha um sistema de troca de armas com os brancos e comandava toda a administração, economia e política do quilombo, onde também desenvolviam agricultura de algodão, dominavam o uso da forja e comercializavam tecidos e alimentos excedentes. Os negros e indígenas sob sua liderança resistiram à escravidão por 20 anos, até 1770, quando o quilombo foi destruído. Em sua homenagem, o dia 25 de julho foi instituído Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.









JARID ARRAES

# TIA CIATA

— 147

Conhecida e bem famosa  
Tia Ciata ainda é  
Sobretudo pra quem gosta  
De um bom samba no pé  
Mas sua vida foi de luta  
E também de muita fé.

Mil oitocentos e cinquenta e quatro  
Foi o ano em que nasceu  
Em Santo Amaro na Bahia  
Mas ali não permaneceu  
Pois saiu de lá fugida  
Pelo mal que lhe ocorreu.

Por ser yalorixá  
Em Salvador foi perseguida  
E com outras mães de santo  
Fugiu pra tentar a vida  
Bem no Rio de Janeiro  
Por coragem impelida.



Quando ela chegou ao Rio  
Logo um homem conheceu  
O seu nome era Noberto  
E com ele se envolveu  
Não depois de muito tempo  
Uma menina então nasceu.

Deu-lhe o nome de Isabel  
Mas do homem se afastou  
Separada e com a filha  
Tia Ciata então pensou  
E achou o seu trabalho  
Para o qual se dedicou.

Na Rua Sete de Setembro  
Foi ralar de quituteira  
Sempre muito bem vestida  
De baiana por inteira  
Tia Ciata foi peitar  
E romper outra fronteira.

Apesar da repressão  
Que o Candomblé sofria  
No seu rico tabuleiro  
Ela fez como queria  
E honrou seus orixás  
Nos quitutes que vendia.

Sempre com saia rodada  
Na cabeça o seu turbante  
Ela usava seus colares  
Suas contas importantes  
Como filha de Oxum  
Fez-se muito exuberante.

Trabalhou com muito esforço  
E então se apaixonou  
Com João Batista da Silva  
Tia Ciata enfim casou  
Juntos os dois então viveram  
Pelo tempo que passou.

Ele era um homem bom  
E até mesmo conhecido  
Dentro daqueles limites  
Era até "bem sucedido"  
Pois o racismo perverso  
Era um fato endurecido.

Com João, Tia Ciata  
Muitos filhos fez nascer  
Foram no total quatorze  
O que veio enfim a ser  
De uma grande importância  
Pro seu povo embravecer.

Pois essa família unida  
Fez inteira afirmação  
E foi na Pequena África  
Duma grande emblemação  
Dando força na presença  
E fazendo exaltação.

Chamada Pequena África  
Era essa a região  
Que no Rio de Janeiro  
Tinha uma concentração  
De pessoas negras livres  
Fortes contra a escravidão.



Tia Ciata e sua família  
 Eram parte dessa gente  
 Marcando toda a cidade  
 Com a herança eminente  
 Que originou o samba  
 Em suas festas imponentes.

Na casa de Tia Ciata  
 Muita festa acontecia  
 Sempre no samba de roda  
 Um banquete ela servia  
 Ela era partideira  
 E cantava com alegria.

Os maiores compositores  
 Em sua casa se juntavam  
 Donga, Sinhô, João da Baiana  
 Nos saraus se apresentavam  
 E a tradição do samba  
 Com amor enraizavam.

A polícia ainda tentava  
 Manter a perseguição  
 Mas Ciata era famosa  
 Por fazer reparação  
 Na saúde dos doentes  
 Dava a cura e compaixão.

Teve um caso curioso  
 Em que um investigador  
 Procurou Tia Ciata  
 Para lhe pedir favor  
 Que sarasse o presidente  
 De um mal adoecedor.

Era então Venceslau Brás  
 Presidente do Brasil  
 Com uma ferida podre  
 Que em sua perna abriu  
 Mas em toda a medicina  
 Um remédio não se viu.

Tia Ciata, mãe de santo,  
 Recebeu um orixá  
 Que falou ao presidente  
 Para a cura lhe ofertar  
 Recomendou uma receita  
 Fazendo a cura vingar.

Agradecido, o presidente  
 Perguntou o que queria  
 Tia Ciata respondeu  
 Que de nada carecia  
 Mas seu marido João  
 Um trabalho aceitaria.

Além de doces que vendia  
 Suas roupas alugava  
 E pra peças de teatro  
 Sempre comercializava  
 Pra manter o seu sustento  
 E as festas que animava.

Logo estava bem famosa  
 E seu nome então correu  
 Até mesmo gente rica  
 Para o samba se verteu  
 E a Tia muito sábia  
 Seu destino ali colheu.



Pois nas festas calorosas  
 As raízes sempre honrou  
 E abriu também consultas  
 Para quem lhe procurou  
 Sempre uma yalorixá  
 O Candomblé concretizou.

O primeiro samba em disco  
 Em sua casa foi gravado  
 Por Donga e Mauro de Almeida  
 Foi composto e registrado  
 Tia Ciata fez história  
 Muito fez realizado.

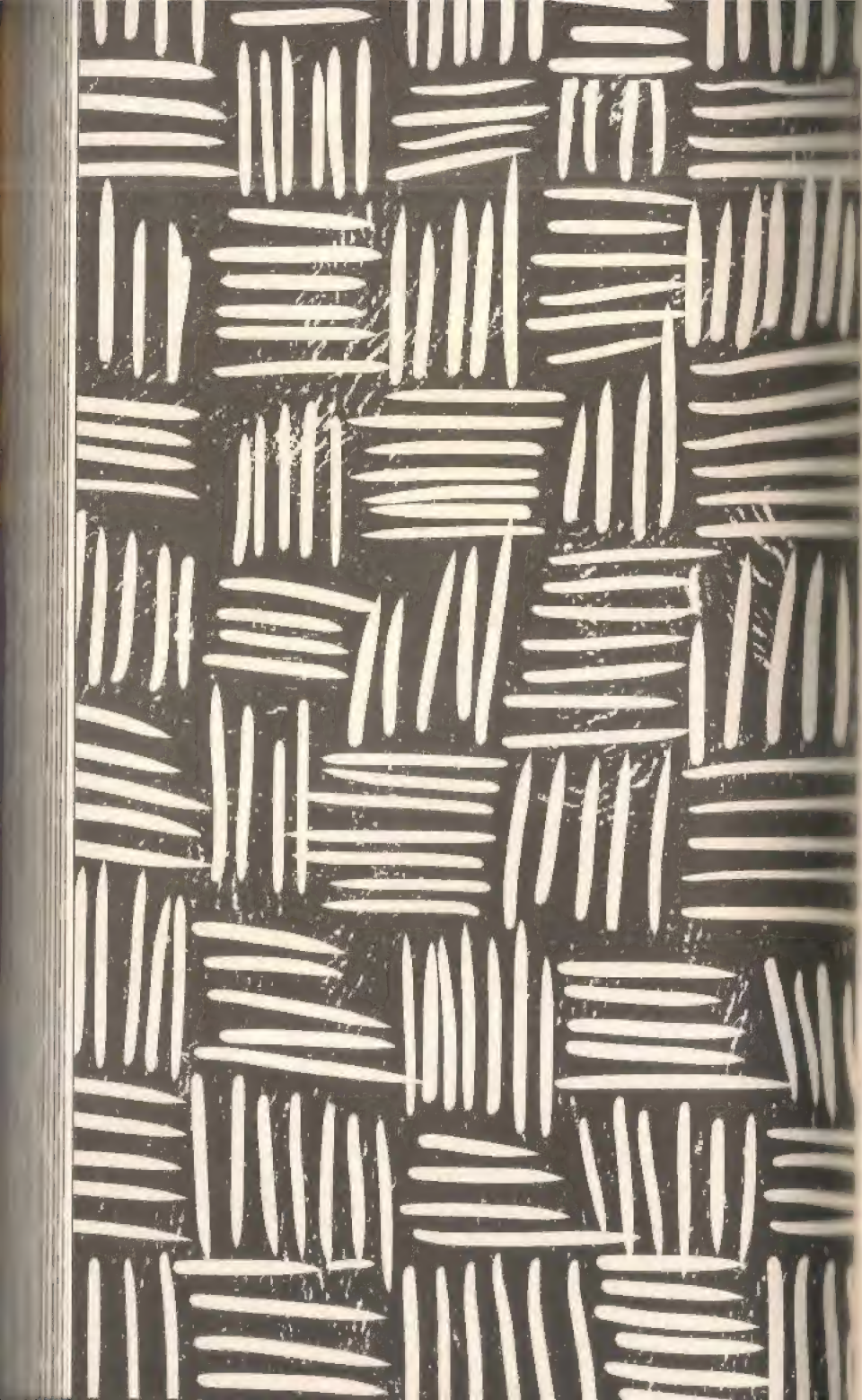
Tia Ciata foi chamada  
 Por Oxum fortalecida  
 Sua origem enalteceu  
 Mesmo sendo perseguida  
 E por causa dessa luta  
 Hoje eu sou agradecida.

**Tia Ciata**, cujo nome de nascença era Hilária Batista de Almeida, nasceu em Santo Amaro (BA) em 1854. Cozinheira e mãe de santo, foi iniciada no Candomblé em Salvador (BA) e levou o Samba de Roda ao Rio de Janeiro (RJ) em 1876, onde conheceu o pai de sua primeira filha. Trabalhou como quituteira, sempre com suas vestes de baiana, para sustentar a filha. Em sua comida, expressava sua convicção no candomblé, apesar dessa religião ser proibida naquele tempo. Mais tarde, casou-se com João Batista da Silva, com quem teve 14 filhos. Sua casa na Praça Onze era ponto de encontro de diversos personagens do samba e compositores importantes. A polícia perseguia esses encontros, mas, sendo também curandeira, Tia Ciata curou uma ferida na perna do presidente Wenceslau Brás e, em troca, pediu um emprego para seu marido. Ela faleceu em 1924, mas até hoje sua casa é referência do samba e do candomblé no Rio de Janeiro.









JARID ARRAES

# ZACIMBA \*GABA\*

Zacimba Gaba foi seu nome  
Uma princesa escravizada  
Vinda de Cabinda, Angola  
Pro Brasil foi sequestrada  
No estado do Espírito Santo  
Acabou desembarcada.

Zacimba Gaba foi descrita  
Logo quando foi comprada  
Como uma “negra rebelde”  
Que até foi recapturada  
Depois de tentar fugir  
Foi duramente castigada.

No Largo do Chafariz  
Com crueldade foi surrada  
Junto com mais homens negros  
Foi cuspidada e humilhada  
Mas o seu olhar altivo  
Lhe mantinha encorajada.



O racista escravagista  
Era o tal José Trancoso  
Que comprou Zacimba Gaba  
E era um homem horroroso  
Sem saber da força dela  
Ou caráter vigoroso.

Mas Trancoso ouviu falar  
Que Zacimba era princesa  
E tomado por despeito  
Quis tirar essa certeza  
Mandando que lhe trouxessem  
Arrastada e com dureza.

Quando Zacimba chegou  
E então foi interrogada  
Respondeu com altivez  
Fez a história confirmada  
Era sim uma princesa  
Por seu povo era adorada.

Com maldade sem medida  
Zacimba foi castigada  
Dia e noite, noite e dia  
Ela era chicoteada  
E ouvia-se o choro  
Da gente desesperada.

A inveja de Trancoso  
Era porca de enojar  
Foi por isso que manteve  
O castigo sem cessar  
E Zacimba foi cativa  
Para ele a abusar.

Trancada na Casa Grande  
Zacimba era estuprada  
Por Trancoso e capataz  
Era tão violentada  
Que os irmãos já se uniam  
Com revolta levantada.

Mas com medo da revolta  
Trancoso mandou dizer  
Que se algo acontecesse  
A princesa ia morrer  
E com isso aquietou  
O que ia acontecer.

Pelas noites, da senzala  
Um alto canto se escutava  
Era a princesa Zacimba  
Que aos orixás cantava  
Por justiça e liberdade  
Todo dia ela clamava.

Ao longo do tempo duro  
Zacimba se fortaleceu  
E sofria com seu povo  
Por tudo que aconteceu  
Mas tramava uma saída  
O final triunfo seu.

Com ajuda do seu povo  
Fez um veneno mortal  
Da cabeça de uma cobra  
Que era disso especial  
Com o pó desse veneno  
Fez um plano crucial.



Era aos poucos, todo dia  
Que o veneno ali botava  
Na comida de Trancoso  
Que jamais desconfiava  
Lentamente adoecendo  
Do veneno que tomava.

Quando um dia finalmente  
O esperado aconteceu  
O senhor da Casa Grande  
Entre gritos faleceu  
E a gente da senzala  
Pra revolta se mexeu.

Invadiram a Casa Grande  
E Zacimba os liderou  
Segurando uma peixeira  
A princesa ali lutou  
E os servos de Trancoso  
No confronto derrotou.

Pelas matas foi Zacimba  
Com seu povo lhe seguindo  
E correram muitos dias  
Até que lhes foi surgindo  
Uma terra de descanso  
Um quilombo se emergindo.

No quilombo de Zacimba  
Ela era celebrada  
A princesa de Cabinda  
Por seu povo admirada  
Acolhia os que viessem  
Era assim bem respeitada.

Com coragem e ousadia  
Os navios ela atacava  
Ia com os seus guerreiros  
E da escuridão pulava  
Libertando os cativos  
Que pro quilombo levava.

Muitas vezes repetiu  
Esse feito de atacar  
Libertou muitos irmãos  
Desde Angola a viajar  
Sem comida só sofrendo  
Mas voltavam a sonhar.

Na glória de sua vida  
Zacimba Gaba então morreu  
Foi numa luta difícil  
Num navio que surpreendeu  
Mas foi de cabeça erguida  
Que a princesa faleceu.

Que história impressionante  
É até de arrepiar  
Deveria se contada  
Espalhada a propagar  
Essa força de Zacimba  
E o que nos pode ensinar.

Diz que em mil seiscentos e noventa  
Zacimba Gaba foi comprada  
Trancoso era português  
E no Brasil enricava  
Às custas da escravidão  
Do racismo que espalhava.



Assim como foi Zacimba  
De Angola escravizada  
Muitas outras também foram  
No Brasil que castigava  
Mas o espírito de luta  
Nenhum branco lhes matava.

Tenho orgulho de Zacimba  
De ser parte de sua gente  
Meu cabelo e minha pele  
O meu sangue aqui corrente  
São herança da princesa  
De bravura coerente.

Viva à princesa Zacimba!  
Viva aos nossos ancestrais!  
Viva Angola, viva o Congo!  
E às tradições orais!  
Viva à África, riqueza!  
E às raízes culturais!

**Zacimba Gaba** era princesa da nação Cabinda, na região de Angola, mas foi escravizada e levada a Sapê do Norte (ES) em 1690. O fato de ser princesa enfureceu o barão da fazenda, que torturava Zacimba e a proibia de sair da casa-grande. Foi então que, com a ajuda de outros escravos, Zacimba começou a envenenar o barão lentamente, durante anos, utilizando um pó preparado com a cabeça moída de uma jararaca, feito às escondidas na senzala. Após a morte do barão, Zacimba liderou a fuga com outros negros e formou um quilombo, onde comandava emboscadas noturnas para libertar escravos dos navios negreiros que ancoravam naquela região.







A dark, textured background with a dense, repeating pattern of small, light-colored, teardrop-shaped spots, resembling a leopard print or a dense field of small seeds. The spots are irregular in shape and size, scattered across the entire surface. The background has a slightly grainy, mottled appearance, giving it a tactile quality.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines, typical of notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.







This image shows a single page of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.This image shows a single page of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.



Envie a história que você escreveu para [contato@jaridarraes.com](mailto:contato@jaridarraes.com) e compartilhe nas redes sociais com a hashtag **#HeroínasNegras**.



Este livro foi composto pelas famílias tipográficas **Bernier** de Ryan Pyae e **Enriqueta** de FontFuror. Foi impresso pela gráfica Vox em papel Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup>, em maio de 2017.





Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de fevereiro de 1991, Jarid Arraes é escritora, cordelista e autora do livro **As Lendas de Dandara**. Atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou o Clube da Escrita Para Mulheres. Tem mais de 60 títulos publicados em Literatura de Cordel, incluindo a coleção **Heroínas Negras na História do Brasil**.

**Redes sociais:**



/jaridarraes



/jaridarraes



/jaridarraes

jaridarraes.com

www.polenlivros.com.br